

SILVANA BARBOSA



Treinando para o
Amor



Silvana Barbosa

Treinando para o
amor

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capa: Néli Rúbia

Revisão: João Carlos Ferreira

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

Conforme a lei 9.610/98 está proibida a reprodução e comercialização desta obra sem a prévia autorização da autora.

Querido leitor:

O selo “Sonhando com romances” apresenta histórias românticas, curtas e sensuais, que visam entreter e encantar com simplicidade, numa leitura fluída a preço acessível.

Você terá tramas diversificadas nessa coleção, podendo encontrar em suas páginas pitadas de ação, suspense,

humor, fantasia e/ou sobrenatural, e cada volume será independente do anterior.

Espero que aprecie a nova experiência.

Tenha uma boa leitura!

Atenciosamente,

Silvana Barbosa

Sumário

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

[FINAL](#)

Capítulo I

Estavam a aproximadamente dois metros de distância um do outro. O casal olhava-se nos olhos, caminhando lentamente e aproximando-se pé ante pé.

Ela vinha dizendo, em voz alta e emocionada, enquanto seguia em direção ao amado:

— Eu te amei sempre, mesmo antes de te conhecer.

Ele respondia sorrindo, em voz igualmente clara:

— Eu te amarei sempre, mesmo quando não mais existir.

Pararam frente a frente, e suas mãos se

ergueram até tocarem-se.

Seus lábios aproximaram-se bem devagar, até selarem com um beijo as juras de amor verdadeiro.

Houve um grande estrondo quando as palmas da plateia ergueram-se no teatro. Mais uma vez, pela segunda semana consecutiva, o público aplaudia de pé ao espetáculo.

O casal de protagonistas curvou-se respeitosamente diante do público, em agradecimento. O restante do elenco e o diretor, todos aguardando sua deixa para entrar, juntaram-se a eles no palco e, de mãos dadas, agradeceram a ovação.

Depois que as cortinas se fecharam, Lorena correu na direção de Marina, a loira bonita que fazia a mocinha da história romântica. As duas começaram a gritar e pular como crianças, de frente

PERIGOSAS NACIONAIS

uma para a outra.

— Eu, heim! — exclamou o diretor, ao passar por elas. — Da próxima vez vou escalar vocês para um espetáculo infantil!

— Foi demais, Marina! Você estava perfeita!!!

— Você também! — A amiga Lorena fazia o papel de antagonista na trama — E eles gostam da gente!

— Ei, Tiago! — chamou Marina, acenando para seu par romântico na história — Quer parar de tentar enfiar a sua língua dentro da minha boca?

— Ah, o que é isso, gata? — respondeu o galã, de forma jovial — O público ia gostar muito mais se o beijo fosse de verdade. E o meu beijo é gostoso, pode acreditar.

— É gostoso mesmo — cochichou Lorena.
— O beijo e tudo o mais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

As duas amigas saíram em direção ao camarim de braços dados, rindo.

— O Tiago é um gostoso — repetiu Lorena, prendendo os longos cabelos negros em um rabo de cavalo, olhando-se diante do grande espelho do camarim.

— Esse gostoso é um pegador. E você sabe que eu não quero que seja assim...

— Pois eu vou te falar, esse negócio aí — apontou para a virilha da amiga — vai acabar te atrapalhando. Já está na hora, Marina.

— Não vai atrapalhar nada. Cala a boca e vamos trocar de roupa.

— E vai dar teia de aranha.

Marina jogou um sapato em Lorena, que se esquivou e soltou uma gargalhada.

Trocaram suas roupas e foram para o apartamento que dividiam há alguns anos.

PERIGOSAS ACHERON

— Na televisão quase não existe beijo técnico — dizia Lorena, sentada na cama do quarto de Marina, observando a amiga escovar os cabelos louros e brilhantes que caíam lisos até os ombros.

— Ah, eu sei. No dia em que alguém da TV resolver me chamar para uma novela eu peço pro Tiago treinar bastante comigo. Satisfeita?

— Você podia aproveitar e pedir para ele treinar outras coisas também. Você ia gostar.

— Há tempo para tudo.

Lorena sorriu, mostrando os dentes perfeitos que já haviam lhe rendido um comercial de pasta dental:

— Marina Soares, atriz, loira e linda, 25 anos e virgem! Dava até história.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fica quieta — ela riu.

— Te falei que fui numa cartomante diferente hoje? Ótima!

— Você gasta o seu salário nessas bobagens.

— Quero saber o meu futuro. Vem um dia comigo.

— Eu já disse que não gosto dessas coisas.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo II

Simone bateu a porta do carro sentindo-se aborrecida. Ia investigar uma queixa sobre sumiço de gatos! Só a designaram para um caso tão bobo porque era mulher, e pior, recém formada da academia de polícia. Ela ansiava por uma oportunidade de trabalhar em equipe numa grande operação, do tipo que se vê em filmes. Ao invés disso tinha que submeter-se — e agradecia a seu super-protetor primo Marcelo por isso — a verificar queixas de velhinhas solitárias que viviam rodeadas de felinos. E quem pode sentir falta de um gato quando existem tantos desses por aí, deixando sua sujeira fedorenta em todos os canteiros de plantas da cidade?

Tudo bem que Marcelo é seu primo-quase-irmão, e trabalhava na delegacia há muito mais tempo que ela, mas ele precisava mesmo juntar-se ao delegado pra escolherem sempre o que Simone estava apta ou não a poder fazer? Que coisa!

Bateu na porta da casa onde morava a senhora queixosa:

— Bom dia, dona Adelaide. Eu sou a policial Simone. A senhora prestou uma queixa sobre o sumiço de um gato.

— Ah, até que enfim alguém apareceu! Eu boto ração todos os dias para os gatos aqui fora e eles sempre vem correndo comer tudo. Só que há mais ou menos uma semana, vem cada vez menos gatos para se alimentar. Hoje só vieram dois. Sumiram vários deles!

— Os gatos não são seus?

— Ah, não, minha filha. Eles moram na rua.

— Os gatos da rua não têm vindo comer?

— Não. Eles estão sumindo.

Simone esforçava-se para não ser indelicada com aquela mulher idosa.

— A senhora não acha que esses bichos, já que moram na rua, podem simplesmente estar passeando em algum outro lugar?

— Decerto que não — a mulher aproximou-se da policial, e falou em tom de confiança —, acho que tem a ver com o novo vizinho.

Simone olhou para a casa apontada pela senhora, bem em frente, do outro lado da rua.

— Ele mudou-se para cá faz menos de um mês. Um dia me viu alimentando os animais e pediu que eu não fizesse mais isso.

— Ele foi agressivo com a senhora?

— Oh, não, foi muito educado. — continuou a idosa, em voz baixa. — É um tipo

grandão, bem aparentado, desses que pode mesmo impressionar a gente. Mas é muito sério, e seu olhar... Bem, é tão severo que dá um pouco de medo.

— E ele não gosta de gatos? — Simone tentou disfarçar seu tédio.

— Acho que não são exatamente os gatos que incomodam. Ele disse que as fezes no seu quintal eram um horror, e que recebia muita gente em sua casa e precisava todo dia limpar a sujeira do lado de fora. Ora, o que tem demais limpar o quintal todo dia? Eu sempre limpo o meu.

Imagino que a senhora não tem muito mais do que isso para fazer — pensou Simone.

— Então ele acha que a sujeira dos bichos pode incomodar as visitas que recebe?

— Bem, acho que não são exatamente visitas. Acho que são clientes. Ele é um cigano, ou

algo assim, seu nome é Dimitri.

Simone olhou a outra casa novamente. Uma casa muito grande e bonita. Devia ser um cigano rico.

Dona Adelaide continuou:

— É claro que não parei de alimentar os gatos, ora. Os clientes dele não me incomodam, por que meus gatos o incomodariam?

A policial teve ímpetos de perguntar se algum cliente do senhor Dimitri já havia feito cocô na porta de dona Adelaide, mas conteve-se.

— Depois de algum tempo os gatinhos começaram a desaparecer. — completou a senhora — Diga-me, não é preciso ter algum tipo de autorização para ler mãos ou fazer adivinhação?

— Ah, eu não sei nada sobre isso. Imagino que se não há uma plaquinha na porta vendendo serviços, então ele não precisa de nenhuma

PERIGOSAS NACIONAIS

autorização. Mas isso não é comigo, dona Adelaide. A senhora viu algum gato morto na rua?

— Não, nenhum. E nem pedaços de carne envenenada, antes que pergunte. Mas, por favor, fale com ele.

— Ah, está bem. Mas eu devo dizer-lhe, dona Adelaide, que limpar as fezes de um gato que não é seu, incomoda e muito. Seus vizinhos têm razão de reclamar. Sugiro que a senhora ligue para alguma associação protetora para que retirem esses animais daqui antes que a vizinhança dê queixa contra a senhora.

— Ora, que absurdo!

— Dona Adelaide, arrume um cachorrinho. Será melhor companheiro e alimentá-lo sairá mais econômico que alimentar uma população de gatos vadios. De qualquer forma, só para tranquilizá-la, conversarei com seu vizinho.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigada — respondeu a idosa, secamente.

Simone atravessou a rua e tocou a campainha do senhor Dimitri. Quando olhou para o outro lado, em direção da casa de dona Adelaide, notou que ela já havia entrado. Aparentemente falar dos vizinhos pelas costas era mais fácil do que encará-los de frente. Ao voltar-se tomou um susto ao ver-se diante de um homem na soleira da porta, a observá-la. Era bonito, e surpreendentemente grande. Olhava-a do alto dos degraus, conferindo-lhe ainda mais um ar de superioridade.

— Pois não?

— Bom dia. Sou a policial Simone. Presumo que seja o senhor Dimitri.

Ele assentiu, os olhos negros intrigantes olhando-a firme, sem piscar.

— Não quero incomodá-lo, senhor, mas é

sobre os gatos...

— Gatos? — ele ergueu uma das sobancelhas. — Fala desses que a dona Adelaide insiste em alimentar?

— Sim. Ela alega que os animais estão desaparecendo, e acredita que alguém tem dado veneno para eles.

— Quem pode sentir falta de um gato quando existem tantos desses por aí, deixando sua sujeira fedorenta em todos os canteiros de plantas da cidade?

Simone piscou, aturdida. Ele havia falado exatamente a mesma coisa que ela havia pensado alguns minutos atrás?

Ele deu um sorriso, mas era um sorriso frio:

— Não gosto desses gatos sujando a minha casa, mas não os envenenei, se é isso que minha distinta vizinha está pensando. — Ele se inclinou

ligeiramente na direção de Simone — Gatos de rua agora são assunto de polícia?

Ela não se afastou, e sua voz tomou uma entonação cortante:

— Maus tratos aos animais incidem em crime ambiental, senhor.

Novamente o sorriso frio brincou em seu rosto.

— Eu não envenenei gato algum, dou-lhe minha palavra.

— Bem, então acho que é só isso. Obrigada por sua atenção — ela respondeu, encerrando a conversa.

— Estarei à sua disposição, se precisar, policial Simone. Tenha um bom dia. — Dimitri girou nos calcanhares e entrou na casa.

Ela achou ótimo que Dimitri se despedisse. Estava ansiosa para afastar-se daqueles olhos

gélidos. No entanto ainda não estava certa que o trabalho ali estivesse encerrado.

Simone ficou parada do lado de fora por mais alguns minutos, esperando que algum gato vira-lata aparecesse.

Quando já estava pensando em ir embora, pareceu ouvir um ruído estranho vindo da casa de Dimitri, um tipo de som que para ela soou suspeito. Pôs a mão sobre a arma que estava na cintura e empurrou com cuidado o portão da garagem que dava para a lateral da casa. Entrou sorrateiramente, seguindo os sons abafados que vinham dos fundos.

Chegou à parte de trás da casa e estacou, surpresa com o que via por detrás de vidraças que cercavam a área de serviço. Dimitri estava parado diante de uma mesa onde havia um grande gato preto, e dizia palavras incompreensíveis, repetindo-as como um mantra, de uma forma que causava

arrepios. O homem estava de costas para a policial, e fazia agora vários gestos com a mão, como se estivesse chamando o animal até ele. Por um segundo ela acreditou ter visto o gato elevar-se da base, como se levitasse. Então piscou, e voltando a fixar a vista, percebeu o animal ainda rígido, como uma estátua. O cigano soltou uma imprecação. Movendo-se para o lado juntou as duas mãos em volta do pescoço do gato.

— Pare, agora mesmo! — Simone bradou.

O gato saiu do transe em que se encontrava, e com um miado alto escapuliu das mãos de seu algoz e fugiu em disparada.

Dimitri voltou-se para Simone, e seus movimentos pareciam estar sendo feitos em câmera lenta. Sem um segundo olhar para o animal que fugira, caminhou até onde estava a policial.

Simone descobriu, aterrorizada, que não

conseguia se mexer.

— Ah, curiosa, heim? — ele pôs as mãos pesadamente sobre seus ombros — e bem bonita, achei desde o início. Você vai esquecer o que viu aqui, minha querida. Mas, antes disso — as mãos dele deslizaram e pousaram sobre os seios dela — vamos nos divertir um pouco. Não se preocupe, você irá esquecer isso também... — e acrescentou, com um sorriso malévolo — Acredite em mim, quando eu terminar com você, vai implorar de joelhos para esquecer-se mesmo de tudo que eu fiz.

Simone, então, gritou.

Capítulo III

Simone abriu os olhos, sentindo a boca amarga e a garganta seca. Levantou-se de sua cama sentindo muitas dores no corpo. Pensou que talvez estivesse ficando doente, a cabeça latejando como se fosse explodir. Parecia estar despertando de uma terrível ressaca. Embora não tivesse bebido, porque não bebia quase nunca. Foi até o banheiro, esperando que uma ducha quente lhe aliviasse o mal estar. Tentou lembrar-se como havia chegado até em casa, mas não conseguia recordar-se de nada.

Entrou no chuveiro e sentiu todo o corpo arder ao contato da água. Até em partes onde não deveria. Olhou mais minuciosamente para si

mesma. As coxas tinham marcas arroxeadas, e os braços também. Marcas de dedos. O pescoço ardia intensamente, e mesmo sem se observar no espelho, sabia que estava arranhada. O roçar insistente de um rosto masculino, com a barba por fazer, produziria esse efeito. Descobriu um pequeno corte bem rente ao mamilo esquerdo. Sabia o que poderia ter causado aquilo. Dentes. Suavemente tocou suas partes íntimas, e teve a confirmação dolorosa do que havia lhe acontecido. Não teve coragem de conferir as nádegas, tão bonitas e arredondadas e que chamavam tanta atenção dos rapazes, pois já sabia que lá também haveria marcas. Havia visto outras mulheres apresentarem esses mesmos sinais, numa proporção que aumentara de forma alarmante nos últimos meses, os mesmos sinais que agora estavam nela. Os boletins de ocorrência eram frequentes, e estavam assustando a todos.

A policial sentiu o corpo todo tremer, de

PERIGOSAS ACHERON

forma involuntária. Curvou-se no Box. Vomitou.

Quando Marina e Lorena chegaram a seu apartamento após mais uma bem sucedida apresentação teatral, tiveram o desprazer de descobrir que haviam sido assaltadas. Era o segundo arrombamento no prédio aquele mês e o síndico garantiu que dessa vez interphones seriam instalados, e um porteiro seria contratado.

Mesmo assim, para receber o valor do seguro pelos aparelhos eletrônicos que haviam sido furtados, as amigas compareceram à delegacia mais próxima a fim de prestar queixa e registrar ocorrência.

Aguardavam serem chamadas quando Marina sentiu um cutucão de Lorena:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Olha quem desceu do Olimpo para falar com a gente.

Marina ergueu os olhos para observar o homem que surgira em uma das portas e aproximava-se lentamente delas, usando camisa social com os primeiros botões abertos e gravata frouxa de uma forma surpreendentemente sexy. Era alto, de cabelos escuros e curtos. Seus olhos muito azuis, não aquele tom pálido e nem o parecido com verde, mas um azul intenso e reluzente, como o azul do mar. As sobrancelhas eram negras, retas e espessas, e seus lábios carnudos, ligeiramente rosados, estavam entreabertos, mostrando dentes bonitos e bem branquinhos.

Sem dúvida um rosto absolutamente perfeito.

E olhava fixamente para Marina.

Aproximou-se das duas moças sem

PERIGOSAS ACHERON

desgrudar os olhos da loira. Ela sentia uma descarga elétrica subindo por suas pernas, fazendo-a levantar da cadeira com dificuldade.

— Eu sou o investigador Marcelo. —
Estendeu a mão para a jovem. — Marcelo Costa.

— Marina.

Reteve a mão dela na sua por algum tempo, o olhar preso um no outro.

— E eu sou a Lorena.

O detetive piscou e só então soltou a mão de Marina e desviou o olhar. Apertou rapidamente a mão de Lorena.

— Por favor, venham até minha sala.

Lorena fez o desenho de um coração juntando as mãos na direção de Marina, e em seguida um significativo movimento indecente com a boca. A outra abafou uma risadinha, seguindo logo atrás do policial.

Todos se sentaram, Marcelo atrás de sua mesa.

— Então seu apartamento foi arrombado esta noite? O que levaram?

— A televisão, o aparelho de som, um notebook, uma câmera fotográfica do tipo profissional, um leitor digital...

— O meu vibrador! — interrompeu Lorena.

O detetive deu uma gostosa risada. Conseguiu ficar ainda mais bonito.

— Ah, desculpe, mas eu precisava ver isso, isto é, como você ficava quando ria — disse Lorena, com simplicidade. — Um espetáculo. Tem certeza que você é policial mesmo? Parece que saiu das telas de cinema! Acho que devem ter câmeras a nossa volta e estamos em alguma pegadinha.

Ele riu novamente.

— Posso garantir que sou um policial de

verdade. Nunca me disseram que eu pareço um ator.

Lorena bufou suavemente.

— Ah, mentira! Claro que já falaram. Mas é muito gentil da sua parte ser modesto. Agora vou ficar calada e a minha amiga aqui, a Marina, vai dar pra você tudo, tudo o que você quiser que ela lhe dê, ela vai dar.

Marina lhe deu chute na canela.

— Ai! Ela vai dar todas as informações que você pedir, quero dizer.

— Sua amiga é divertida. — disse Marcelo, voltando sua atenção novamente para Marina.

— Ah, é. Tão engraçada...

Marina respondia as perguntas que ele fazia, procurando não encarar a amiga, mas percebia pelos cantos dos olhos que Lorena mandava beijinhos e mordia os lábios sacudindo a cabeça em

direção ao detetive, que fingia não notar nada.

Depois de anotar a ocorrência, Marcelo levantou-se:

— Bem, agora eu precisaria dar uma olhada no seu apartamento.

As amigas entreolharam-se e levantaram ao mesmo tempo.

— Vocês me dão um minuto? Preciso avisar ao meu chefe que vou me ausentar.

Assim que ele se afastou, Lorena apertou o braço da amiga:

— Acho que ele nem precisava ver o apartamento. Acho que só vai pra ver onde você mora! Ai, Marina, ele é muito gato! E gostou de você! Esse merece você sabe o quê e eu mereço saber todos os detalhes depois. Principalmente os mais sórdidos.

— Contenha-se, ele está voltando.

Partiram juntos para o apartamento das moças.

Marcelo entrou no apartamento e conferiu todos os cômodos. Quando Marina informou qual era o seu quarto, o investigador deteve-se, observando cada detalhe:

— Combina com você. E tem um cheiro gostoso. Deve ter retido o seu perfume — ele passou bem junto a ela, devagar, os corpos quase se tocando ao passarem de um cômodo ao outro.

Lorena foi para a cozinha discretamente, enquanto a amiga voltava com o detetive para a sala.

— Vocês são rápidas. Já mandaram até consertar a porta.

— Ah, o síndico foi bem legal, trouxe ferramentas e consertou para nós.

Houve um pequeno silêncio enquanto

Marcelo a encarava, bem próximo. A tensão sexual entre eles era quase palpável. Marina tinha consciência de sua beleza, mas nunca imaginara que conseguiria atrair a atenção de um homem como aquele. Aliás, nunca ficara frente a frente com alguém tão bonito e com uma presença tão forte como a dele, que parecia dominar a sala.

— Sei que pode parecer pouco profissional — ele quebrou o silêncio — mas preciso dizer: você é linda.

Marina, sorriu, subitamente encabulada.

— Ah, obrigada... Você também é muito bonito.

Marcelo colocou as mãos nos bolsos, procurando achar mais espaço nas calças que haviam ficado mais apertadas desde que se aproximara de Marina.

— Eu... Estou em horário de trabalho,

PERIGOSAS NACIONAIS

mas... Eu gostaria de saber se não estivéssemos nessa situação de policial e vítima de assalto... Se eu poderia procurá-la. Fora do expediente. Sem trabalho envolvido, entende?

Marina não hesitou por muito tempo. Juntando as mãos à frente do corpo, respondeu-lhe, com um sorriso tímido.

— Sim, poderia.

Marcelo sorriu.

— Bom! Muito bom!

Marcelo apareceu após o expediente, como havia dito que faria.

PERIGOSAS ACHERON

Marina convidou-lhe para entrar.

— Eu vou ser bem direto: Já que ficamos interessados um no outro, que tal eu passar aqui amanhã e buscar você pra gente beber alguma coisa juntos e se conhecer melhor? Tem uns lugares ótimos aqui perto.

Marina torceu os lábios, um pouco surpresa pela investida direta e rápida.

— Oh, eu não sei...

— Você tem namorado?

— Não. E você, tem namorada?

— Não.

— Ah, isso não é possível.

Ele sorriu outra vez.

Mais um sorriso devastador como esse e eu pulo no seu pescoço, pensou Marina.

— É verdade, não tenho namorada mesmo. Por que você não quer sair comigo? Eu não mordo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bem, eu não morde muito.

— Podemos até sair para tomar um chopp, mas tem uma coisa que você precisa saber sobre mim.

— Gostei. Uma garota direta. O que eu preciso saber antes?

Ela tomou fôlego antes de falar:

— Bom... É que eu não vou transar depois das bebidas.

Ele arqueou as sobrancelhas, sinceramente admirado com o comentário.

— Pôxa, eu tinha pensado em conversar, mas se você já está falando sobre sexo comigo, penso que devo começar a comprar umas cuecas novas.

Dessa vez foi ela quem deu uma boa risada. Ele parecia encantado ao vê-la rir, pois seu sorriso abriu-se ainda mais. Ela continuou, sem rodeios:

PERIGOSAS ACHERON

— Não, é sério mesmo. Eu não transo.

— Você tem algum problema físico? — Ele a olhou com jeito travesso.

Aquela forma de conversar foi a escolha de Marina, e já que ela havia iniciado um diálogo direto, continuou :

— Não. É que eu sou virgem.

O queixo de Marcelo caiu, mas ele se recuperou logo:

— Hum, uma raridade... É por alguma opção religiosa? Planeja manter-se assim até o casamento?

Ela deu uma risadinha, enquanto balançava uma mão, em negativa.

— Não. Na verdade é que o tempo foi passando, passando, e simplesmente não aconteceu. Eu vivia no interior, quase não tive namorados lá. E acho que nenhum deles me achou atraente o

suficiente para avançar o sinal.

— Então eram todos cegos. Mas, continue a falar — Marcelo ainda estava desconcertado com Marina, mas procurou deixá-la à vontade para concluir sua resposta.

A moça suspirou, antes de responder:

— Vim para a cidade grande com a Lorena aos 21 anos, e percebi que o sexo aqui era muito, muito banal.

Agora Marcelo compreendia tudo. Assentiu, lentamente.

— E aí, como já havia esperado até os 21 anos, resolveu deixar tudo assim mesmo e esperar até que surgisse um bom rapaz, disposto a ficar com você mais do que apenas uma noite. — Marcelo adivinhou.

— Exato.

— Mas esse cara nunca apareceu.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pois é. E eu estava sempre correndo pra lá e pra cá atrás de trabalho, viajando com as trupes. Os rapazes do teatro não levam nada muito sério, e a situação foi se estendendo...

— Então quando eu te chamei pra sair, você achou que eu só queria te levar pra cama.

— Sim. Mas eu entendo, sei que é natural, é normal. E sei que como sou uma atriz, moro sozinha e já passei dos 20, os homens acham que já sou bem escolada.

Marcelo apertou os lábios, reprimindo uma careta.

— Você é bem franca.

— Só gosto de deixar as coisas bem claras. Geralmente quando eu falo de virgindade, os caras saem correndo.

Um sorriso lento foi se abrindo na face do policial:

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não vou sair correndo, não me subestime. — Agora estava ainda mais interessado em Marina, pois sua postura o havia agradado enormemente. Sem falar no bônus de ter uma namorada que poderia permitir-lhe ensinar todos os nuances de fazer amor. Imaginar a expressão no rosto daquela linda mulher enquanto lhe apresentava os prazeres do sexo era algo que ele ansiava muito ver. — E certamente não penso em apenas uma noite com você, pois seria pouco.

Marina piscou, surpresa com a declaração.

E já que ela era uma pessoa franca, ele também seria.

— É um presente maravilhoso esse que guarda em si, e gostaria muito de ser o felizardo a ganhá-lo, Marina. Acho que sou esse bom rapaz que você estava esperando, e garanto que serei paciente e cavalheiro. Aceite sair comigo, meu

bem. Não irá se arrepender. Prometo respeitar o seu tempo. E esperar até acharmos que está pronta. — *Talvez até acelerar um pouco este processo de espera*, ele pensou, cheio de esperanças.

Marina considerou as palavras dele. Parecia realmente sincero, um homem correto. Talvez o ideal que ela tanto esperava.

— Tudo bem, eu aceito. Pode vir me buscar amanhã.

— Ótimo. Mas antes você precisa saber uma coisa sobre mim, também.

— Você é virgem. — Ela brincou.

— Ah, tem muito tempo que não. O que você precisa saber sobre mim é que eu sempre beijo no primeiro encontro.

— O quê?

Ele deu um passo à frente, enlaçou-a pela cintura e, envolvendo o pescoço até que seus rostos se

PERIGOSAS NACIONAIS

aproximassem o bastante, desceu sua boca sobre a dela, e a beijou.

Buscou-lhe a língua, enroscando-a deliciosamente na sua, envolvendo-lhe numa disputa em que sentidos e sensualidade atuavam juntos.

Ela foi tomada de surpresa, mas não protestou. Não podia. Não queria. Suas mãos apenas apertaram com força a camisa de Marcelo.

— Foi bom, mas pode melhorar — ele sussurrou, com Marina ainda em seus braços. Pressionou-a suavemente contra a parede da sala. Colou totalmente seu corpo ao dela. O beijo foi mais provocante e demorado do que o primeiro, e quando enfim se afastaram um do outro, a moça estava ligeiramente ofegante.

— Isso não foi só um beijo — ela murmurou.

PERIGOSAS ACHERON

Marcelo respondeu, com um ligeiro sorriso:

— Eu não disse que tipo de beijo seria, mas já dá pra notar que temos uma boa química.

O coração dela estava bastante acelerado, ele estava certo, e não adiantava contestar o óbvio.

— Creio que sim.

O sorriso de Marcelo aumentou, e ao fazer isto, seus olhos acompanharam, refletindo-lhe a alegria, e deixando-o ainda mais encantador. Marina sorriu de volta, quase sem perceber.

— Então agora já estamos oficialmente juntos, Marina. Amanhã eu venho às oito.

E só ao fechar a porta à saída dele deu-se conta que levava a mão ao peito, e suspirara, como uma adolescente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Lorena tinha os olhos arregalados ao ouvir Marina contar-lhe sobre a conversa que tivera com Marcelo, e como ela havia terminado, em longos e sensuais beijos.

— Até que enfim você vai conseguir se dar bem, amiga.

— Sossega, Lorena.

— Não consigo! Depois que você contou sobre a forma como ele te pegou na sala, assim, logo no primeiro beijo... Você devia ir preparada. E coloca uma saia bem levinha e curta.

— Não vou me preparar para nada, só vamos sair pra conversar e comer alguma coisa. E de jeito nenhum vou colocar uma saia que possa provocá-lo. Ele já deu uma mostra de como é assanhadinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo IV

— Você colocou uma saia levinha e curta!

— Lorena olhou por baixo da saia da amiga enquanto elas aguardavam Marcelo chegar — e está usando uma calcinha branca rendada! Ai, você até se depilou! Não acredito! E ainda diz que *ele* é o assanhadinho?

Marina bateu de leve na mão da amiga e conferiu sua imagem no espelho grande do quarto de Lorena. Usava blusa branca com decote discreto e uma saia florida de tecido leve.

— Estou bonita?

— Linda. O Marcelo vai cair de quatro por você.

Os olhos castanhos da loira faiscavam,

PERIGOSAS NACIONAIS

ansiosa pela chegada do namorado:

— Estou um pouco nervosa.

— Sabe o que eu acho, de verdade? Aquele monumento gostou mesmo de você, e você já gosta dele.

— Acho que eu e você somos umas tontas românticas.

— Não! Acho que você tirou a sorte grande mesmo.

Marina deu uma risadinha nervosa.

— É mesmo, não é? E ele é tão bonito!

— Já imaginou como os filhos de vocês serão lindos?

— Pronto, já viajou! Você é muito louca!

Marcelo chegou pontualmente. Cumprimentou Lorena e depositou um beijo suave nos lábios de Marina, antes de olhá-la de cima abaixo:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Uau!

Marina sentiu que seu rosto ficava rosado.

— Cuide bem dela — disse a amiga.

— Eu cuidarei — respondeu animadamente, conduzindo Marina ao elevador.

Foram até um barzinho agradável, com música ambiente, bem próximo. Escolheram uma mesa de canto, e falaram sobre amigos, família, trabalho. Descobriram alguns pontos em comum e também algumas divergências.

Voltaram caminhando de mãos dadas, e quando chegaram até o apartamento de Marina, os sorrisos nos rostos deles pareciam que nunca iriam se desfazer.

— Mesmo horário, amanhã — ele anunciou.

Ela assentiu, sem deixar de sorrir.

— Mesmo horário.

PERIGOSAS ACHERON

Marcelo puxou-a para um beijo, encostando todo seu corpo nela. Quando as mãos dele desceram até o traseiro de Marina e a suspenderam levemente, apertando-lhe contra a ereção, ela soltou um gemido abafado.

— Fazer amor com você vai ser incrível. Eu quero muito — ele murmurou-lhe ao ouvido antes de soltá-la e se afastar.

Como ela poderia dormir bem depois disso?

Ela não sabia como era fazer amor.

E nunca antes se sentira frustrada por isto.

Mas agora... Ela desejava ser o tipo de mulher experiente que podia puxar um homem pela manga após um beijo e dizer-lhe “*vamos ao meu quarto...*”

Dessa vez, ao apoiar-se na porta fechada após a partida de Marcelo, reteve os dedos sobre os lábios, ainda quentes pelos beijos trocados. Os

olhos estavam bem abertos, pasmos de surpresa, tanto por sua reação física quanto emocional. Conhecera o cara agora! Não era possível que já reagisse como uma pessoa apaixonada...

Ou era?

Capítulo V

Marcelo era pontual de fato.

Escolheram um restaurante recém inaugurado, pequeno e romântico, e decidiram sentar na área da penumbra.

Depois de muita conversa, um jantar delicioso, e alguns copos de vinho, os comentários se tornaram mais provocantes, os beijos mais intensos e as carícias cada vez mais ousadas. Marina quase pulou ao perceber a mão de Marcelo embaixo de sua saia enquanto trocavam um beijo.

— Ninguém vai notar, aqui é bem escuro — sussurrou ao ouvido dela.

— Mas...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Só vou fazer carinho, não se preocupe. Meus dedos não vão tirar sua virgindade. Deixe, amor...

É claro que ela sabia que carícias não iriam desvirginá-la, mas fazer algo tão íntimo em público... era tão transgressor. No entanto, viu-se desejando sentir Marcelo tocá-la. Sim, sabia que estavam indo rápido demais, mas não queria parar.

Marcelo trouxe seus lábios junto aos dela, num beijo doce, sexy e longo.

A mão insinuou-se dentro da calcinha, fazendo carícias suaves e gentis. Então os movimentos foram mudando de intensidade, aumentando a pressão, acelerando seus batimentos. Marina sentiu-se dedilhada como um instrumento musical muito delicado nas mãos de um músico competente. Suspirou, extasiada, cada acorde trazendo uma vibração maior, até que alcançasse a

PERIGOSAS ACHERON

nota máxima, cravando as unhas nos braços de Marcelo e apertando os lábios fortemente para conter um grito. Ele retirou a mão cuidadosamente depois que ela alcançou o orgasmo, e abraçou-a.

Apoiou-se nele, trêmula:

— O que foi isso?

— Uma amostra do que você andou perdendo até hoje — ele respondeu, beijando-lhe a ponta do nariz.

Marcelo sentia o coração retumbando fortemente no peito. Se estivessem em local privado, não sabia se conseguiria conter-se apropriadamente, ou se acabaria seduzindo Marina por completo, fazendo amor com ela onde fosse. Assim que acalmou a própria respiração, decidiu levá-la para casa, para evitar mais tentação. Melhor um passo de cada vez, e já havia sido afoito demais em provocá-la daquele modo. Nunca se sentira tão

ansioso por uma mulher, e ainda mais uma que acabara de conhecer. Não precisava ser muito inteligente para perceber que desta vez havia encontrado alguém realmente especial, e que valia a pena se dedicar e cuidar com carinho.

— Amanhã venho buscá-la um pouco mais tarde — avisou, na porta do edifício da atriz.

— Não estarei em casa. Amanhã tenho ensaio.

Ele nem sequer titubeou.

— Nesse caso vou buscá-la na saída do teatro. Você não se livra de mim tão fácil. — Deu-lhe um beijo e afastou-se, deixando Marina feliz por ele cumprir sua palavra e nem sequer pedir para subir até seu apartamento.

Aquela semana Marcelo estava trabalhando de ótimo humor. A lembrança do rosto de Marina alcançando o clímax o deliciava. Aguardava ansioso o momento de reencontrá-la. No entanto, após a explosão de sensualidade entre eles, notara uma ligeira retração em Marina. Imaginou que deveria ir mais devagar, senão a assustaria. E estava com o pé no freio. Comportara-se bem todos os outros dias após aquele doce orgasmo, resumindo os encontros a beijos, conversas e carinhos inocentes. Contudo, já estava desesperado por um pouquinho mais de intimidade novamente. Talvez esta noite...

Uma policial mais velha, fardada, aproximou-se dele no momento em que examinava alguns papéis.

— Marcelo, eu estou preocupada com sua prima. Ela estava chorando no banheiro. Disse que não era nada, mas você sabe como as coisas aqui podem ficar pesadas, principalmente para quem ainda é novo nisso, e ainda por cima, mulher. Você deve falar com ela, e logo.

O rapaz ficou alarmado. Havia sido criado com Simone e sabia que ela não era de chorar fácil. Chamou-a para um café.

— O que está acontecendo, Simone?

— Nada.

Agora que a observava mais de perto, via suas olheiras e percebia a expressão infeliz em seu rosto.

— Alguma coisa tem. Você tem chorado no banheiro da delegacia.

Simone desabou:

— Fui estuprada, Marcelo. E o pior é que

não lembro absolutamente nada.

Marcelo enrijeceu.

— Conte-me.

— Foi naquele dia que fui atender a queixa sobre o sumiço dos gatos. Você me mandou resolver isso, lembra?

— Sim.

— Pois então, falei com as pessoas e fui embora. Depois disso, não me lembro de mais nada. Aliás, não lembro nem de ter entrado no carro, dirigido, chegado em casa, nada. Perdi a memória da tarde e da noite, várias horas. Acordei no dia seguinte toda machucada.

Os olhos azuis de Marcelo estavam imensos, horrorizados:

— Prima! É a mesma coisa que aconteceu com aquelas três mulheres que vieram dar queixa!

— Quantas outras podem ter sido abusadas

PERIGOSAS NACIONAIS

e não se apresentam à delegacia?

— Esse canalha está ficando cada vez mais ousado! Atacar uma policial! Por que você não me contou logo isso? Por que não prestou queixa?

— Não conte pra ninguém, eu o proíbo! Como eu poderia voltar ao trabalho se todos soubessem disso?

Marcelo sacudiu a cabeça, frustrado e furioso ao mesmo tempo.

— Pelo menos procurou um médico? E se este tarado tem alguma doença? E se... Meu Deus... e se ele a engravi...

Simone sacudiu a cabeça com força, e ergueu as mãos:

— Sim, procurei uma médica, tomei as medidas preventivas possíveis, coquetel antirretroviral, pílula do dia seguinte, e fiz exames também. Tudo o que pude.

PERIGOSAS ACHERON

— Simone, eu me sinto culpado por ter mandado você a esse lugar.

— Não foi culpa sua, e o bairro é ótimo, não é um lugar perigoso. E eu não sei nem onde estava quando fui atacada. Posso ter parado com o carro em algum lugar suspeito e aí aconteceu tudo.

Marcelo pegou as mãos de Simone:

— Prometo que vou pegar o monstro que lhe fez isso. E depois que o pegar ele nunca mais fará mal a ninguém.

Quando Marina e o restante do elenco saíram do teatro, após mais uma noite de ensaios, Marcelo já estava esperando, encostado em seu

PERIGOSAS ACHERON

carro.

— Lorena, quer que a gente te deixe em casa?

— Não, obrigada, Marcelo. Dessa vez vou com o Tiago e o pessoal comer alguma coisa, depois eles me deixam em casa. Bom passeio pra vocês! Aproveitem!

— Pode apostar que vamos. — Deu um beijo em Marina. — Está com fome?

— Um pouquinho.

— Pensei em comprarmos um lanche pra viagem. Quero te levar a um lugar bem bonito que eu conheço.

— Por mim, tudo bem.

Compraram os lanches e Marcelo dirigiu até um local íngreme, aonde não havia construções próximas. Depois que a ladeira findava havia uma área aberta, onde estacionaram o carro. Do plano

PERIGOSAS NACIONAIS

mais alto era possível ver uma grande parte da cidade embaixo, com suas milhares de luzinhas brilhando. Acima deles descortinava-se um magnífico céu estrelado, parecendo muito mais próximo graças à falta de luminosidade artificial em volta.

— É mesmo um lugar tão bonito, Marcelo! E tão tranquilo e silencioso. Aqui é seguro?

Estavam abraçados do lado de fora do carro.

— Sim. Demos muita sorte hoje por estarmos sozinhos. Algumas vezes passo por aqui e vejo vários casais namorando nos carros

Marina havia notado Marcelo mais silencioso que na noite anterior.

— Está tudo bem com você?

— Foi um dia mais difícil no trabalho, mas eu não gostaria de falar sobre isso. Desculpe.

Ela suspirou e deu de ombros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está bem.

Marcelo procurou sorrir e deixá-la à vontade:

— Gostaria de assistir a sua peça.

Isso pareceu agradar Marina.

— Vou lhe dar um convite. — Ela sorriu.

— Você me disse ontem que era um romance e que era a mocinha.

— Isso mesmo.

Ele balançou a cabeça, parecendo pensar em algo consigo mesmo. Depois perguntou:

— Você beija alguém?

Ela assentiu, ainda sorrindo.

— Beijo o Tiago.

— O que? Você beija aquele cara que estava na porta com a Lorena?

Ela deu uma risada diante do ciúme óbvio.

PERIGOSAS ACHERON

— Não precisa ficar com ciúmes. Os beijos são técnicos.

— Como é isso de beijo técnico?

— Um fica de boca fechada e outro de boca aberta. Conforme o casal move o rosto, parece um beijo de verdade.

Marcelo estreitou seu olhar.

— Não parece convincente.

— O Tiago sempre diz isso. Ele diz que o beijo devia ser real.

Marcelo fez uma careta.

— Claro que diz. E eu digo que ele está querendo levar um soco.

Marina arqueou as sobrancelhas e deu um sorriso torto.

— Não seja bobo. Namorar uma atriz pode ser complicado... Você vai querer mesmo tentar?

Marcelo deu um passo a frente e envolveu
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sua cintura com os dois braços.

— Certamente. Vai valer a pena. Algum namorado seu já te levou a algum lugar como esse?

— Nenhum deles tinha carro.

Os olhos azuis brilharam ainda mais.

— É muita sorte a minha!

Marina sorriu timidamente.

— Acho que é mesmo.

— Você nunca namorou dentro de um carro
— afirmou ele, com voz enrouquecida.

— Nunca.

Marcelo apertou-a ainda mais contra ele, massageando-a com as pontas dos dedos.

— É bom demais para ser verdade, Marina. Fico cada vez mais louco por você quando penso o quanto posso te mostrar. Você é virgem em vários sentidos! Vamos entrar no carro.

PERIGOSAS ACHERON

Marcelo começou a beijar Marina. Beijos mais sôfregos que na noite anterior. Enquanto beijavam-se ele reclinou o banco do carro e deitou-se sobre ela, erguendo-lhe a saia cuidadosamente para colocar-se entre as suas pernas. Acariciou-lhe sua cintura, e suas mãos subiram mais. Tocou gentilmente seus seios até os mamilos retesarem, e os bicos ficarem bem visíveis sob a blusa. Pinçou as pontinhas salientes e beliscou-as de leve, fazendo Marina dar um gritinho agudo. Ele sorriu e voltou a beijá-la, começando a movimentar os quadris em vai e vem, junto com ela. Levou uma das mãos à nuca da namorada, e a outra mão buscou desnudar-lhe um seio. Quando conseguiu enfim expô-lo, e Marina viu-se parcialmente nua, tentou cobrir-se. Marcelo segurou os pulsos dela com firmeza.

— Não cubra. Deixe-me ver. É bonito. Como tudo em você.

Marina tremia, o peito arfante aumentando ainda mais a excitação do namorado. Parecia que o tempo havia parado enquanto via-se presa por ele. A sensação era indescritível, excitante e ao mesmo tempo amedrontadora. Nunca em sua vida Marina havia sentido o clamor do sexo como naquele momento com Marcelo, um homem que havia conhecido há apenas alguns dias, mas que já era dono do corpo dela. Ele afrouxou um pouco a pressão, e inclinou-se até o mamilo, tocando-lhe suavemente com os lábios. A língua dele circulou aaréola rosada. Sugou-o. Marina pensou que fosse desmaiar de tanto prazer. Finalmente ele libertou seus pulsos, e passou as mãos por baixo das nádegas dela, forçando seu quadril a levantar e encaixar no dele. Movimentaram-se juntos freneticamente, e Marina desejava loucamente que aquelas roupas que vestiam desaparecessem. Não tinha coragem de dizer, mas naquele momento só

PERIGOSAS ACHERON

queria que ele a possuísse de verdade. Os movimentos continuaram intensos, e os gemidos crescentes, até que o rapaz levantou-se:

— Ah, meu Deus, voltei à adolescência por sua causa!

Marina ficou confusa por um instante.

— Como assim?

Marcelo sacudiu a cabeça, meio descrente do que havia acontecido com ele. Olhando para baixo, passou a mão na parte da frente das calças.

— Não consegui me segurar e gozei. Na cueca. Que merda...

Marina deu uma sonora gargalhada e ele acabou rindo também.

— A culpa é sua, mulher.

Ela riu ainda mais.

Marcelo esperou que ela ajeitasse a blusa, arrumou o banco e deu a partida no carro.

Quando a deixou na porta de casa, o detetive avisou:

— Amanhã coloque uma blusa menos complicada, amor. Essa de hoje estava muito difícil de tirar. E nem pensar em usar calça comprida.

— Você tem muita coragem e muita cara de pau para falar isso!

Marcelo ignorou o protesto, e enlaçou-a pela cintura, unindo seus corpos num abraço caloroso. Inclinou a cabeça para que seus rostos ficassem ainda mais próximos e beijou-a suavemente. Marina esqueceu completamente a indignação que estava sentindo.

— Amanhã venho por volta das sete horas. Que tal comermos alguma coisa antes e depois irmos ao cinema?

— Ótimo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo VI

Marina havia passado todo o dia ansiando para rever Marcelo, e as horas pareciam se arrastar. Pensar nele a deixava em brasa, relembrar as sensações das noites anteriores era atordoante.

Os dias pareciam um suplício, a rotina de sempre era entremeada com pensamentos para o namorado.

Decorando o texto da peça.

Pensando em Marcelo.

Exercícios vocais.

Pensando em Marcelo.

Ensaio geral.

Pensando em Marcelo.

Exercícios de relaxamento.

Pensando em Marcelo.

Finalmente eram sete da noite. Quando o interfone tocou, ela ficou agradecida por Marcelo ser um alucinado por pontualidade.

Ela estava se tornando refém do relógio. E por causa de Marcelo.

— Já está pronta?

— Já, mas estou comendo uma pizza com a Lorena. Quer subir e comer com a gente?

— Agora mesmo.

Ele sentou-se no sofá servindo-se da pizza.

— Aonde vocês dois vão hoje? —
Perguntou Lorena.

— Ao cinema.

Lorena o encarava.

— Você mora sozinho?

— Moro.

— Você ganha bem?

Marina resolveu interromper o que parecia ser o início de um interrogatório. Lorena havia demorado em começar suas perguntas. Já estava estranhando que ela não houvesse feito algo do tipo durante o trajeto de uma das caronas que Marcelo lhes dera nos últimos dias. A amiga podia ser muito super-protetora quando queria.

— Lorena! Não liga, não, Marcelo. Ela resolveu vestir o personagem de mãe agora.

— Não me importo. Você tem uma mãe muito bonita, Marina. — brincou ele.

— Ora, que malandro! Flertando com a mãe da namorada! — respondeu Lorena. — E você não

respondeu a pergunta.

Marcelo sorriu.

— Meu salário é bem razoável. Dá pra sustentar a casa e comprar leite para as crianças.

— Então tá bom. Salário de atriz só é bom pra quem trabalha na TV. O teatro não paga bem.

— E é difícil entrar para a TV?

— É difícil. A gente vive fazendo teste, mas muitas vezes quem ganha o papel é uma filha de diretor, ou uma namorada dele.

— Mas não é você que faz uma propaganda de pasta dental?

— Sou eu mesma. Televisão e outdoor. Pagou bem. Compramos umas coisas legais aqui pra casa, né, Marina?

— Pena que o ladrão levou quase tudo.

— E a polícia não resolveu nada. Bem que dizem que no Brasil tudo acaba em pizza! — E
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apontou a pizza na mão dele.

Marcelo quase engasgou com o riso.

— Pelo menos agora temos interfone e porteiro, acho que os ladrões não entram mais.

— E eu espero que o seguro nos pague logo, pois ficar sem música e sem televisão é chato.

— Eu tenho duas televisões em casa, querem que eu traga uma?

Os rostos de Marina e Lorena se iluminaram e elas soltaram gritinhos felizes:

— SIM!

— Com certeza!

— E hoje, sem ensaio e sem televisão, vocês fizeram o que? — Marcelo abocanhou mais um pedaço de pizza.

— Fomos ler a mão com um cigano — Lorena respondeu, fazendo voz misteriosa, de brincadeira.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Marcelo ficou pasmo.

— Ah, não! Vocês acreditam nisso?

— Eu não. A Lorena é que acredita. Fui só fazer companhia, porque ela insistiu.

— Mas o cara é bom mesmo. Ele viu a nossa aura, Marcelo. Falou que ela é clara porque somos pessoas boas. — Lorena estava empolgada.

— Impressionante.

— Não seja descrente. Ele até adivinhou que a Marina é virgem!

Marcelo parou de mastigar, subitamente alerta:

— Como assim?

— Ele deu umas voltas em torno da Marina e de repente disse: “você ainda é virgem!”.

Ele franziu as sobrancelhas.

— Isso foi estranho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nem me diga — replicou Marina.

— E o que mais ele disse a vocês?

— Que eu vou ser convidada para fazer uma novela e lá conhecerei meu grande amor — respondeu a amiga morena.

O lado profissional de Marcelo estava a postos:

— E o que mais?

— Mais nada.

— Vocês pretendem voltar a esse adivinho?

— Ah, não mesmo — respondeu a loira, levantando-se e indo para a cozinha buscar mais refrigerante.

Lorena apoiou a amiga.

— Nem pensar. Nós ficamos com medo.

— Medo? Ele fez alguma coisa com vocês?

— Oh, não, não. Ele foi bem cordial. Mas

PERIGOSAS ACHERON

eu não sei, acho que é a figura dele.

— O que tem a figura dele, Lorena? — O detetive estava intrigado.

— Ele é até bonito, tem aquele tipo de beleza rústica, mas... Não sei explicar exatamente... pô... Não é como a sua beleza, por exemplo, Marcelo. Eu já falei isso, você é um espetáculo e a gente pode ficar horas só te admirando, que não cansa de olhar, e não tem problema em olhar, porque você é legal e deixa, não se incomoda, e nem olha pra gente com cara maliciosa ou de poucos amigos... Então é gostoso de olhar, e pronto. É puro.

— Ô, Marina! — Marcelo gritou, em direção à cozinha. — Se um dia você enjoar de mim e terminar comigo, posso dar em cima da Lorena? Acho que eu tenho muita chance aqui.

— Pode! — A outra gritou da cozinha.

Marcelo voltou um sorriso radiante para Lorena, e piscou um olho.

— Ouviu, Lorena? Ela já até autorizou. Depois a gente pode conversar.

— Ah, não seja bobo! Estou falando sério, cara. Ele dá medo porque parece... Parece... Obsceno.

Marcelo ficou sério.

— Não gostei disso, Lorena. Agora você me deixou mesmo preocupado.

Marina voltou para sala, trazendo gelo e refrigerantes:

— Você ainda está tentando se dar bem em cima da Lorena? — Ela brincou. Mas então notou a testa franzida dele. — O que foi?

— Estou com uma impressão muito ruim sobre esse homem que vocês procuraram. A Lorena acabou de falar que ele parece obsceno. Ele

PERIGOSAS NACIONAIS

adivinhou que você é virgem. Que tipo de gente é essa que vocês têm conhecido? Vocês por acaso deram o seu endereço para este cara?

As duas se entreolharam, com ar culpado.

— Sim. Temos que preencher um tipo de cadastro com a secretária antes de entrar para consultar o cigano.

— Pelo amor de Deus, garotas! Vocês não devem passar o seu endereço e nem o seu telefone a desconhecidos. Isso é perigoso. Vocês são duas moças morando sozinhas! Há algumas coisas muito estranhas acontecendo na cidade. Prometam que não vão mais fazer isso.

Elas voltaram a se olhar com cumplicidade e culpa. Marcelo se impacientou, e sua voz soou ainda mais severa:

— Prometam que não vão mais passar o seu endereço para qualquer desconhecido!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem, eu prometo.

— Eu prometo, também. Não precisa ficar preocupado, oficial.

— E se esse cara vir aqui para tentar falar com vocês, juntas ou separadas, para ler a mão ou o que quer que seja, não o deixem subir, não lhe abram a porta. Não abram a porta para ele, entenderam?

— Com certeza — respondeu Marina, de olhos arregalados.

— Eu acho que ele não vem, não. Mas você está me deixando com mais medo, Marcelo — disse Lorena, trêmula.

— É pra ficar com medo mesmo. Qual o nome desse adivinho?

— Dimitri.

PERIGOSAS ACHERON

Na porta do cinema, Marcelo virou-se para Marina:

— Ainda estou incomodado com o fato de vocês terem conversado com um homem que só de olhar pra você percebeu que é virgem. Como alguém pode saber algo desse tipo sem ter feito antes algum tipo de pergunta ou ficar espionando a vida alheia?

— Eu sei, também achei sinistro. E quando ele me olhou... Os olhos dele eram tão escuros... Como uma noite sem estrelas.

— Não deixe mais a Lorena ir nesses lugares.

— Tudo bem. Podemos entrar agora?

— Por que você escolheu esse filme? —
Marina não estava satisfeita com a escolha dele.
Não devia ser a única a achar o filme uma má
escolha, afinal a quantidade de bancos vazios na
sala de projeção já dizia o bastante.

— Porque é chato.

— Você me trouxe para assistir um filme
bosta?

— Sim, assim o cinema fica praticamente
vazio. — Marcelo respondeu prontamente,
sorrindo.

Marina o olhou, surpresa.

— Você...

Marina entendeu. A intenção dele era poder
namorar em um local público, mas sem despertar
PERIGOSAS ACHERON

muita curiosidade alheira. Por isso a escolha de um cinema vazio.

— Se você quer saber, eu já namorei dentro de um cinema.

— E o que você fazia?

Ela o beijou apaixonadamente. Quando o soltou, ele ainda estava com os olhos fechados. Abriu-os bem lentamente.

— Certo... Você é muito boa em beijar e abraçar, e reage muito bem aos meus avanços, mas não é muito generosa.

— Sou, sim.

— Então por que nas noites passadas minhas mãos e minha boca fizeram todo o serviço, sem a sua ajuda?

Ela abriu a boca, espantada:

— Não acredito no que estou ouvindo.

— Você é que estabeleceu um nível

estranhamente franco de conversa desde o primeiro dia, então deve aguentar o que tenho a dizer, também. Hoje eu quero que você seja boazinha comigo.

Ele pegou a mão dela e colocou sobre sua virilha.

— Vou lhe ensinar a me tocar.

Os olhos de Marina arregalaram, e ela cuspiu as palavras:

— Marcelo, você está louco se acha que vou fazer isso! Não serei presa por atentado ao pudor por sua causa!

Ele deu uma risada, ainda segurando a mão dela:

— Quando você ouviu falar de alguém realmente ser preso por atentado ao pudor dentro de um cinema? Trabalho há anos como policial e nunca vi acontecer. Agora, relaxe. — ele abriu o

zíper da calça comprida, sem desviar os olhos de Marina — Pronto. Deixe-me contente, vai.

Marina cruzou os braços.

— Então está falando mesmo sério! As garotas realmente fazem isso no cinema com seus namorados?

— Se não fazem, deveriam fazer.

Marina resmungou, entre os dentes trincados:

— Acho que você é um sem-vergonha.

Marcelo deu uma risadinha, confirmando o que ela havia dito sobre ser sem-vergonha.

— Faça isso nem que seja para eu parar de te atormentar. Está demorando tanto que daqui a pouco o filme acaba e as luzes acendem.

Marina deu um pulo ante a possibilidade de as luzes se acenderem e todos verem Marcelo de calças abertas. Aceitou o jogo, mesmo temendo ser

PERIGOSAS ACHERON

descoberta fazendo algo ilícito.

Não pode evitar uma boa espiada quando Marcelo abriu seu zíper e exibiu-se, sem o menor pudor. Ele já estava excitado. O membro longo e grosso atraiu rapidamente a mão de Marina. Tocou-o quase hipnotizada. *Aquilo tudo era pra ela? Uhuuuu!*

Marcelo suspirou, satisfeito quando a mão macia envolveu sua masculinidade. Finalmente tinha Marina tocando-o intimamente. Desejara ansiosamente a chegada deste momento. Ele fechou a mão sobre a dela, deslizando as duas, juntas, por toda a extensão ereta.

— Então se decidiu, heim? Essa é a minha garota! Vamos lá, gatinha... Você vai da base até a ponta. E de novo. E outra vez, várias, várias vezes... Até que eu peça para parar. — Ele retirou a mão, e relaxou na cadeira, escorregando

ligeiramente no assento, e apoiando a cabeça no encosto, feliz. — Manda ver, Marina! Você está no comando agora.

Marina olhou para baixo, ainda insegura. Mas começou a mover a mão, ouvindo um pequeno grunhido de Marcelo, antes que ele voltasse a falar:

— Isto! Aêee, garota boazinha...

Ele ficou quieto por alguns instantes.

Poucos.

— Eeeeeei! NÃO!! Marina!! — Ele fez uma careta de dor — Assim você me dá medo! Seja gentil. Devagar... Mais devagar... *Não tão devagar!* Agora, sim. *ÉÉÉÉ*... Issoooo... Muito bem! Muito... *Beeeeem*... Vo-você... Aprende... *Rá-rá-aaaaah-pi-do*... Isso... Isso mesmo... Ah... Continue... Uh, Marina... Marina...

Abraçaram-se na portaria do edifício de Marina para um beijo de despedida:

— Amanhã não poderei vir. Vai sentir saudades?

O rosto dela expressou a decepção.

— Por que não poderá?

— Amanhã vou cobrir o turno de um colega, então não sairei antes da meia noite.

Marina se apertou a ele, afundando o rosto em seu peito.

— Quero ver você amanhã, Marcelo.

Marcelo ergueu o rosto dela com a ponta dos dedos.

— Eu também quero ver você, amor, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

precisarei dormir. — O semblante dele tornou-se maroto — A não ser que você tenha algo melhor a oferecer do que uma boa noite de sono.

Ela abanou a cabeça negativamente, sorrindo.

— Nada? — Ele fez um muxoxo. — Seu poder de barganha não é muito bom.

— Por que não posso simplesmente ir para a sua casa e ficar com você lá? Ainda não conheci seu apartamento.

Marcelo fixou o olhar azul na namorada.

— Você quer dizer, dormir no meu apartamento? Apenas dormir?

— É. Para ficarmos juntos.

— Você acha realmente que vai ficar deitada do meu lado e eu vou conseguir dormir? Meu comportamento até agora não lhe disse nada sobre mim?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você prometeu que ia respeitar meu tempo e seria um cavalheiro.

Ele jogou a cabeça para trás:

— Ai, em alguns momentos de desespero nós fazemos promessas difíceis de cumprir!

— Eu vou ficar acordada esperando por você, não esqueça!

— Tudo bem, mas vou logo avisando: eu durmo nu.

— Eu sabia que você ia dizer isso. Até amanhã.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo VII

Estava sendo um dia complicado na delegacia. As intensas investigações sobre o maníaco sexual que atacava mulheres e as deixava desmemoriadas não rendiam os frutos esperados.

— Soube que está investigando o caso de uma mocinha que foi encontrada vagando no parque, sem memória — disse Simone, debruçando sobre a mesa cheia de papéis e fotos em que o primo estava trabalhando.

— Sim. Ela teve muita sorte, o criminoso a deixou para trás.

— E ela foi examinada?

— Sim, nada aconteceu, felizmente. Uma menina, não tem nem quinze anos, virgem.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Imagina só, que horror! Uma menina nas mãos de um psicopata sabe-se lá quantas horas sofrendo...

— Não gosto nem de pensar. Só quero pegar esse predador, se é que ele age sozinho. Dessa vez temos testemunhas, que virão hoje falar comigo.

— Testemunhas? Ele está ficando mais displicente, atacando em locais públicos, com gente em volta?

— O modus operandi mudou, mas não sei se por displicência.

— Acha que ele pode estar mais confiante... Depois de mim?

— Não sei. Mas alguma coisa mudou e essa pode ser a chance de pegá-lo, antes que consiga se readaptar novamente.

PERIGOSAS ACHERON

Marcelo aproveitou seu horário de almoço para deixar um televisor no apartamento de Marina e Lorena. Seu desejo principal, porém, era que a TV pudesse manter as duas moças dentro de casa, bem longe das garras de um maníaco sexual.

As testemunhas do parque, um casal de meia idade, estavam sentadas diante de Marcelo e Simone. E explicavam agora o ocorrido:

— Nós sempre caminhamos pelo parque, e vemos muitas estudantes nos bancos. Os jovens vão para ler, conversar, às vezes apenas matar o tempo. Essa menina chamou nossa atenção porque quando passamos por ela, estava sozinha, lendo um livro e dando risadas. Eu e meu marido aqui a achamos tão alegre que rimos também. Além disso, era tão bonita! Cabelos bem cacheadinhos e louros. Parecia até um anjinho!

— Quando demos a segunda volta, a menina já não estava mais sentada no banco. Mas o livro dela estava lá. Pegamos o livro para devolver e fomos procurá-la — completou o homem.

— Ela já estava quase nos portões de saída do parque. Nós a vimos de costas, longe, mas os cabelos eram inconfundíveis. Começamos a gritar e acenar. E o homem que estava do lado dela se afastou e desapareceu na multidão — explicou a

mulher.

— Vocês conseguiram ver o rosto dele, mesmo estando longe? —indagou Simone.

— Ligeiramente, de perfil. Ele nos olhou de soslaio quando ouviu nossos gritos.

— Como lhes pareceu?

— Mesmo àquela distância pareceu bem apessoado e elegante.

— Não parecia um bandido. Ficamos bem surpresos quando percebemos que a menina parecia estar drogada... Nos olhando como se não nos visse de fato. E quando pedimos ajuda a uma dupla de policiais fardados e eles ouviram nosso relato... Foi um choque saber que o tal homem no parque era um maníaco, já fazendo uma nova vítima. — O senhor de meia-idade sacudiu a cabeça, com pesar.

— Não parecia o tipo de homem que precisaria submeter ou forçar uma mulher para

PERIGOSAS NACIONAIS

conseguir alguma coisa — a esposa completou. — Ele deve ser mesmo algum louco.

Os policiais concordaram. Com certeza tratava-se de um louco.

— Algum detalhe a mais?

— A diferença entre o tamanho dele e o da mocinha era enorme. Ele é um homem muito grande.

Simone teve um arrepio diante da imagem de um homem grandalhão e violento atacando uma adolescente pequena e frágil. Teria sido o mesmo que a atacara?

— Vocês salvaram a menina de um homem muito perigoso — disse o detetive.

— Se imaginássemos que era um bandido, teríamos o seguido, ou pelo menos visto para onde ia.

— Foi melhor assim. Se o tivessem seguido

PERIGOSAS ACHERON

e ele estivesse com algum comparsa, vocês estariam em risco.

— Que tipo de homem tenta abusar de um anjinho? — indagou a senhora.

O pior tipo, pensou Marcelo.

Aproximadamente às duas horas da madrugada Marcelo tocou o interfone e Marina desceu.

A bela visão animou Marcelo. A namorada estava linda usando um vestido azul, com uma bolsa grande a tiracolo.

— Ooooopa, que princesa! Tem certeza que vamos apenas dormir essa noite?

— Comporte-se, príncipe encantado. Seus
PERIGOSAS ACHERON

olhos vermelhos indicam que precisa dormir.

— Estou exausto. Vai precisar ficar falando comigo enquanto eu estiver ao volante, senão vou dormir sentado.

Porém Marcelo parecia habituado a dirigir de noite, mesmo cansado. Seus olhos mantiveram-se alerta durante toda a viagem.

— Bem vinda à minha humilde morada — Marcelo colocou as chaves, a carteira e a arma sobre a mesa da sala, assim que entraram. — Fique à vontade.

— Que bonito é o seu apartamento! E é mais bem arrumado que o meu. Você é muito PERIGOSAS ACHERON

organizado. — Marina circulou pelos cômodos.

— Fico tão pouco em casa que nem tenho tempo de fazer bagunça. Uma senhora vem de vez em quando fazer faxina. — Ele bocejou, esparramando-se no sofá.

— E você tem um aquário! Que peixinhos lindos!

— Eu sempre gostei de animais de estimação, mas tenho estado tão atarefado que só posso ter peixes mesmo. São mais fáceis de cuidar. — Ele respondia já de olhos fechados,

— E também gosta de plantas, pelo que estou vendo aqui na área de serviço.

— Gosto. — Estava quase dormindo.

— Ei, não durma no sofá! Vá tomar banho e trocar de roupa. — Ela o empurrou até o banheiro.

— Está bem, madame...

— Você quer ajuda aí no chuveiro? — ela

perguntou, insinuante, do lado de fora da porta.

— Isso não seria muito sensato da sua parte.
Eu desperto rápido.

Quando ele saiu do banheiro, cheirando a sabonete e usando apenas cueca boxer, Marina o estava aguardando com uma mesa posta para o lanche. Ela procurou ser discreta ao examinar o corpo musculoso que vestia uma peça branca.

— Trouxe algumas coisas na bolsa para você. Bolo caseiro e biscoitos. Achei um suco concentrado na sua geladeira e preparei um pouco para nós. Você precisa se alimentar antes de dormir

Ele olhou para Marina, surpreendido.

— Obrigado. Não estou acostumado a ser tão bem tratado.

— Acho que você merece. Sente-se.

Marcelo comeu com prazer.

— Eu nem sabia que estava com fome.

Você fez o bolo?

— Eu mesma. Sou uma moça prendada.

— Estava uma delícia. Fiquei impressionado.

— Obrigada.

— Posso deitar um pouco no sofá agora?

— Pode. Vou retirar a mesa.

Quando ela terminou de lavar a louça e guardar tudo, Marcelo já estava dormindo no sofá. Marina se aproximou para admirá-lo melhor. Os traços perfeitos pareciam ainda mais bonitos na serenidade do sono. Beijou-o bem levemente, para não sobressaltá-lo. Mesmo dormindo ele correspondeu ao beijo e ainda envolveu-a em seus braços, puxando-a para si.

— Marcelo... — chamou-o gentilmente — vá dormir na sua cama.

Ele demorou um pouco a responder:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Só se você for comigo.

— É só você se comportar.

— Você exige demais de mim. — Abriu os olhos com dificuldade e levantou-se — Vamos lá.

Ele deitou-se em sua cama. Era grande, de casal. Bateu de leve no espaço livre ao seu lado, convidando-a a deitar-se ali.

— Tenho que trocar de roupa, e já volto.

— Troque na minha frente. Ainda não vi você sem roupa. Vou ficar aqui, só olhando. Não tenho forças para fazer nada além disso.

Marina retirou da bolsa um conjunto de pijama flanelado.

— Você não vai usar uma camisola transparente. Nem uma bem curtinha. — Marcelo lamentou, enquanto a observava com os olhos semicerrados. — Você é muito malvada.

Ela sorriu. Retirou o vestido simulando uma

PERIGOSAS ACHERON

striptease diante dele. Marcelo ergueu a cabeça, interessado. Suspirou ruidosamente ao vê-la apenas usando roupa de baixo.

— Maravilhosa!

Marina colocou as calças de pijama, e ele protestou:

— Ah, não! Pensei que você ia tirar tudo!

— E eu pensei que você estava com sono.

— Eu disse que despertava rápido.

— Sossegue, garanhão. Vou dormir com você, mas vou dormir vestida.

— Podemos ao menos dormir agarradinhos?

— Podemos.

Ela terminou de abotoar a roupa e deitou-se ao lado dele. Marcelo a abraçou por trás, deu-lhe um beijo no pescoço e fechou os olhos novamente. Marina aconchegou-se naqueles braços fortes e quentes. Sentiu-se confortável e segura. Pensou em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como sua vida mudara nos últimos dias graças a ele. Um homem sincero, direto, bem-humorado, que gostava de plantas e de animais. Alguém que se importava com o que ela pensava, e que a atraía imensamente. Estava feliz ao seu lado, inesperadamente feliz. E desejava que fosse para sempre.

— Marcelo, eu te amo.

Mas ele não respondeu. Já estava dormindo profundamente.

Marcelo despertou sentindo um agradável aroma de café. Foi ao banheiro e depois seguiu para a sala:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que maravilha, você preparou café da manhã para nós! — Olhou satisfeito para a mesa arrumada. — Geralmente tomo meu café de pé, encostado na pia da cozinha.

Marina lhe deu um beijo rápido.

— Hoje será diferente. Vamos sentar.

O olhar de Marcelo correu rapidamente pela sala.

— Aonde você colocou as coisas que deixei ontem sobre a mesa, Marina?

— Quer dizer as chaves, carteira e arma? Coloquei na cômoda do quarto. Não se preocupe, pois tomei cuidado ao manusear a arma.

— Tudo bem. — Ele começou a servir-se.

— Gostaria de perguntar uma coisa.

O olhar dele estava direto sobre ela, e parecia já saber que tipo de pergunta viria. Acenou com a cabeça, incentivando-a a falar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você atira bem?

Ele sorriu.

— Muito bem. Também sou instrutor de tiro, essa é uma das razões da minha carga horária ser tão pesada. Mas o dinheiro extra compensa bastante, e posso viver confortavelmente. Minha mira é tão boa que já fui campeão em algumas competições. E algumas vezes pedem-me auxílio em missões que envolvam reféns, para atuar tal qual um atirador de elite.

— Você já precisou atirar em alguém?

— Você demorou pra perguntar isso. Geralmente é a primeira pergunta que as garotas me fazem logo que digo ser policial. A resposta é sim.

— Mais de uma pessoa?

Marcelo respirou fundo. *Óooo, território perigoso, esse que estamos pisando...*

PERIGOSAS ACHERON

Respondeu, procurando manter a voz neutra:

— Sim, mas preferia não dizer quantas. Essa não é uma resposta que agrada muito às mulheres.

Ela afastou o olhar.

— Então podemos encerrar o assunto.

— Acho melhor. Vamos saborear esse delicioso café que você fez, gata. Deveria dormir aqui mais vezes.

— Quando eu morava com meus pais eles faziam questão dessa coisa de comermos todos juntos à mesa. Com os pais da Lorena isto é igual, então eu e ela mantemos a tradição e procuramos pelo menos tomar o café da manhã na mesa, juntas. Todos os anos, na época de Natal, nós voltamos para o interior, e as duas famílias se unem e fazemos um banquete. É gostoso essa coisa de

sentar e conversar às refeições com as pessoas que você ama.

— Gostaria de conhecer seus pais. Acha que eu poderia ir junto com você no próximo Natal?

Marina pensou que seu coração ia sair pela boca. Marcelo pensava nela a longo prazo! O relacionamento deles era sério realmente!

— Sim, mas... Está falando sério?

— Claro que estou falando sério. Por que não estaria? — Terminaram o café, e Marcelo sentou-se no sofá:

— Ainda tenho tempo de sobra antes de ir para o trabalho. Senta aqui um pouco comigo, Marina.

Ela sentou-se, e ele ergueu seu queixo, para que olhasse bem para os olhos dele.

—Eu não estou “saindo” com você. Eu

PERIGOSAS NACIONAIS

estou namorando você. A sério. Desde o princípio e até quando você quiser que seja. Entendeu bem isso?

Marina piscou, engolindo saliva com força, subitamente emocionada. Assentiu bem devagar:

— Sim.

Os olhos azuis a fitavam intensamente, e pareciam mais escuros naquele momento.

— E você? Está me levando a sério também, Marina?

— Muito mesmo — sussurrou em resposta.

Os cantos da boca de Marcelo moveram-se lentamente, formando um pequeno sorriso.

— Então estamos conversados. Dê-me um beijo e não se fala mais nisso. — Beijou-a, reclinando-a gentilmente até colocá-la deitada no sofá. — Posso tirar essa calça de pijama? Quero compensar o que não fizemos ontem...

PERIGOSAS ACHERON

Ela sacudiu a cabeça, em concordância. Fechou os olhos, saboreando os momentos de prazer que os beijos dele proporcionavam, descendo do umbigo até...

Um som gutural ecoou da garganta de Marcelo.

— Pensei que iria encontrar algo mais selvagem, Marina, mas você se preparou... Você está depilada! E você é uma loira verdadeira!

Marina abriu os olhos, estupefata. Olhou para onde o rosto de Marcelo estava e... aonde foi parar sua calcinha? Ele a tirou junto com a calça de pijama, e ela nem havia notado!

— Marcelo, o que você pensa que está fazendo?

Os olhos dele desviaram-se do que estava olhando tão concentradamente. Sorriu com malícia:

— Ah, eu não sei. Que nome você daria

para isso?

Marina franziu a testa.

— Não era para eu estar nua.

Marcelo balançou a cabeça.

— Você não está nua. Em tese, para que estivesse nua realmente, precisaria tirar a blusa e o sutiã também. Gostaria de tirar?

— Não, e não se faça de sonso.

— Posso ficar aqui só mais um pouquinho?
A vista que tenho é espetacular! Nunca vi melhor.

Ela não conseguiu deixar de rir.

— Ah, Marcelo, você não é fácil...

— Vou entender isso como um “sim” —
disse, mergulhando o rosto entre as pernas de
Marina.

Ele a enlouqueceu por algum tempo, a
língua ora macia, ora rígida, os movimentos
intercalando entre agressivos e delicados, a lhe
PERIGOSAS ACHERON

provocar as mais delirantes sensações. Marina estava com os quadris elevados pelas mãos firmes do namorado, gemendo com o prazer intenso que ele estava lhe proporcionando. Não conseguia mais controlar-se, e nem continuar suportando aquela deliciosa tortura. Gritou para que ele a possuísse naquele momento. Marcelo interrompeu as carícias orais e colocou todo o peso de seu corpo sobre ela, fazendo-a arquear desesperadamente o corpo contra o dele:

— Não aguento mais, Marcelo! Eu estou pronta para você!

Mas ele não a possuiu ainda. Beijou-a ardorosamente e respondeu em um murmúrio que parecia penoso para ele mesmo:

— Não, Marina. Não vou deflorar você no sofá da minha casa, para em seguida deixá-la sozinha porque tenho que ir trabalhar. Você merece

mais do que isso.

— Mas eu quero ser sua! — ela reclamou.

Puro orgulho possessivo encheu o peito de Marcelo.

— E será. Mas será em grande estilo. Enquanto isso, você tem a chance de passar por todas as etapas que levam uma pessoa a sua primeira relação sexual, mesmo que estejamos fazendo isso de forma intensiva. — Ele a encarava com olhar terno.

Marina sentiu a respiração começar a normalizar enquanto ouvia a voz tranquilizadora de Marcelo.

— Quer dizer que estamos passando por etapas? Agora entendi porque você pergunta se eu já fiz isso ou aquilo... Marcelo, o que está fazendo é muito gentil da sua parte! Você é um cara legal!

Ele deu-lhe um sorriso preguiçoso, e

respondeu sem modéstia:

— Eu disse que era.

— Isso é tão bonitinho! — Ela o beijou —
Você está resgatando para mim o que perdi!

— Não é só porque é bonitinho, é para meu próprio benefício, também. Essas lições de amor que venho lhe dando são porque eu quero que se apaixone por mim. Não quero que você me deixe depois que a gente transar.

Os olhos castanhos dela se arregalaram:

— E por quê? Por que se importaria tanto?

— Acho que é bem claro. Eu me importo porque me apaixonei por você desde que a vi pela primeira vez, na delegacia.

— Marcelo...

— Não estou com você para ter o sabor de conquistar uma virgem, pois se não fosse, eu não a amaria menos. Estou com você e quero ficar com

você porque te amo. Mais do que eu imaginaria capaz.

Marina agarrou o rosto de Marcelo em suas mãos, mirando os profundos olhos azuis. Beijou sua boca várias e várias vezes, até perceber que estava chorando. Foi a vez de Marcelo segurar seu rosto:

— Meu amor, por que está chorando?

— Porque eu também te amo, Marcelo! Ah, eu te amo tanto! E tive muito medo que você nunca chegasse a me amar!

O sorriso de Marcelo foi o mais belo que Marina já havia visto.

— É impossível não amar você.

Capítulo VIII

— Eu poderia ficar aqui com você o dia todo, e gostaria muito disso, mas preciso ir trabalhar...

— Hoje à noite tenho espetáculo, eu trouxe seu convite. Acha que poderia ir?

— Certamente. Depois podemos vir para cá.

— Geralmente saio do teatro cansada e com fome. Minha casa é mais próxima. E se fossemos dormir juntos lá?

— Por mim, tudo bem.

Marcelo estava se distraindo passando os polegares de forma circular sobre os seios dela. Quando os mamilos se retesaram e ficaram

evidentes sob a blusa, ele sorriu:

— Ah, aí estão vocês!

— Marcelo, você não se comporta!

— Eu não consigo. Você está aqui sozinha comigo, não dá para resistir... E é tão gostosa... — Ele a beijou intensamente, e Marina sentiu o corpo todo amolecer sem seus braços.

— Você disse que precisava ir trabalhar...

— Está bem, estraga-prazer... — Ele levantou-se do sofá e foi tomar banho. Quando voltou, já vestido, alguns minutos depois, Marina o aguardava, também pronta.

— Você não quis tirar a roupa na minha frente dessa vez. Teve medo que eu pudesse mudar de ideia e atacar você.

— Não, bobinho. Eu só quis poupar tempo. Tomarei banho na minha casa.

— Então, vamos.

Marcelo foi até o parque onde a adolescente loira havia sido abordada. Sentou-se em um banco, comendo pipocas e observando toda a movimentação em torno. Muitos casais passavam conversando, jovens e idosos caminhavam e se exercitavam. Mulheres esculpidas e rapazes musculosos corriam solitariamente, dando várias voltas. Havia vários estudantes uniformizados, a maioria com a mochila nas costas. Um grupo de garotas avistara Marcelo e o assediava a uma distância segura, flertando abertamente e dando risadinhas. Ele sorriu de volta, mas não de forma provocativa. Elas entenderam que não havia perigo, e se aproximaram.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi, meninas.

— Oi! — responderam em coro, com sorrisinhos nervosos diante do belo homem, tão perto delas agora.

— Vocês vêm todo o dia nesse parque?

Todas se apressaram a responder:

— Sim!

— Aqui é muito legal.

— Sempre passamos aqui, antes e depois das aulas.

— Quando tem horário vago também.

— Mas você nunca veio aqui.

— Não veio, não. A gente não esqueceria.

— Cara, você é muito bonito!

— É um gato!

Ele deu um grande sorriso. As meninas derreteram-se. Uma delas suspirou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E vocês estão sempre em grupo?

Novamente houve uma enxurrada de respostas:

— Nem sempre...

— Eu posso vir sozinha!

— Eu também!

O investigador coçou a cabeça, e as interrompeu gentilmente:

— Vocês não teriam medo de virem aqui sozinhas?

— Não.

— Eu não.

— Não mesmo.

— De jeito nenhum.

— E não teria problema se um homem como eu ficasse sozinho com uma de vocês?

Elas entreolharam-se um pouco

PERIGOSAS ACHERON

desconfiadas, mas depois responderam em unísono:

— Não.

— Vocês sabem que eu sou bem mais velho que vocês, não sabem?

Elas ficaram em silêncio. Ele voltou a falar, calmamente:

— Se eu convidasse uma de vocês para sair comigo, sozinha, de dentro desse parque, vocês aceitariam?

Elas entreolharam-se mais uma vez, receosas. Pareciam já estar ficando um pouco desconfortáveis com a conversa dele. Mas a proximidade com um homem tão bonito ainda parecia interessante. Começaram a responder:

— Eu não sei...

— Acho que não...

— Por que você iria querer sair com uma de

nós daqui de dentro?

— Seria um encontro ou... Qual seria a sua intenção?

— Só se você disser antes o que quer fazer.

Marcelo as observava pensativamente.

— Vocês então não aceitariam sair comigo facilmente... Ótimo. Meninas, vocês não devem mesmo conversar com um estranho se estiveram sozinhas aqui, muito menos sair com ele. Mesmo que pareça bonito e simpático.

— Por que está falando isso?

Marcelo mostrou o distintivo da polícia. Elas soltaram um murmúrio desapontado.

— Sinto muito, meninas. Vocês são todas muito bonitas, mas estou aqui a trabalho, e sou comprometido.

Nova chuva de comentários caiu sobre ele:

— Eu sabia que era muito bom pra ser
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

verdade.

— Sua namorada é muito sortuda.

— Ela é bonita como você?

— Se um dia terminarem, estou sempre aqui!

Ele deu uma risada, e elas suspiraram:

— Ai, seu guarda, seu sorriso é lindo!

— Olha os dentes dele, tão branquinhos...

Marcelo inclinou a fronte, em agradecimento:

— Obrigado, meninas...

— Isso é por causa da garota que quase foi sequestrada aqui, não é?

As notícias se espalhavam rápido!

— Sim. Alguma de vocês viu algo estranho, ou alguém diferente?

— Não.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vi nada estranho.

— Se houvesse algo suspeito, eu me lembraria.

— Nenhum outro homem, que chamasse atenção, muito alto talvez, e de boa aparência, de quem pudessem se lembrar? Mais velho, talvez até mais velho do que eu.

Elas pensaram um pouco, depois sacudiram as cabeças, em negativa.

— Não, senhor.

— Não, mesmo.

— Desculpe, não lembro de alguém assim, que chamasse a atenção.

— Também não lembro.

— Está bem. Então, acho que vocês já podem ir... — disse o investigador.

— Ooooh! — elas lamentaram ao mesmo tempo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Marcelo levantou-se, bateu palmas duas vezes e depois sacudiu as mãos, despachando as garotas:

— Vão, senhoritas! Circulando, circulando!

Elas se afastaram, sorrindo. Marcelo trocou de banco, e repetiu o mesmo tipo de diálogo durante toda tarde, para outros grupos de garotas. Abordou também algumas pessoas mais velhas, apresentando-se antes como policial. Ninguém havia notado nada suspeito, nem tivera sua atenção atraída para algum homem elegante demais para um passeio informal num parque popular como aquele.

PERIGOSAS ACHERON

Simone e Marcelo conversavam sobre a investigação em andamento com André, um perito criminal, amigo do investigador.

— Supondo-se que o abusador seja mesmo jovem, e de boa aparência, como descrevem as testemunhas, nem assim conseguiria retirar uma estudante de dentro do parque sem usar algum método ameaçador ou narcótico. Passei uma boa parte da tarde de hoje conversando com pessoas que habitualmente circulam lá. As adolescentes, por incrível que pareça, são mais inteligentes que as mulheres mais velhas e não se deixam levar por um rosto bonito. Não consigo entender porque ele teria preferido se arriscar a drogar uma menina em público e arrastá-la, se poderia ter convencido uma mulher mais velha a segui-lo de bom grado.

— Não entendi exatamente quando você diz que ele poderia ter convencido uma mulher adulta a

PERIGOSAS NACIONAIS

sair com ele do parque. Como sabe disso? — comentou Simone.

— Não entendeu o que ele fez? Ele passou a tarde inteira cantando todas as mulheres do parque! — explicou André, um moreno sorridente.

— Não. — protestou Marcelo — Eu passei a tarde toda fazendo investigação.

— Tentando comer alguém a tarde tooooooda... — cantarolou André.

— Cala a boca, filho da mãe. — Marcelo tentou dar um tapa na cabeça de André, mas o outro se esquivou.

— Como é mesmo o nome da sua namorada, Marcelo? — indagou Simone.

— Marina — André apressou-se a dizer.

Dessa vez o tapa de Marcelo acertou, e André cambaleou para frente. Simone sacudiu o dedo para o primo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Ma-ri-na*. Acho que preciso conversar com ela... Sobre cortar certas asinhas... De um policial safado.

— Vocês têm a mente suja! Seus imundos!

— Marcelo sorriu, desistindo de defender-se.

— Bom, voltando ao assunto principal — disse André, depois de caçoarem ainda um pouco mais do amigo, e de se esquivar de outros tapas na nuca. — O que realmente me incomoda no modo que esse maluco opera é que não encontramos nenhum vestígio de drogas na corrente sanguínea das mulheres atacadas por ele e que vieram prestar queixa. Ninguém consegue identificar o que ele usa para apagar suas memórias.

Marcelo assentiu. *Aquele caso todo era muito estranho.*

— O parque não ficou deserto em nenhum momento em que estive lá. O método que ele usa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para drogá-las não é agressivo, senão teria chamado a atenção de algum passante. Principalmente em se tratando de uma estudante uniformizada conversando com um homem mais velho. As pessoas já olhariam o casal com desconfiança. Mas ninguém parecia lembrar-se de ver um homem conversando com uma mocinha de cachinhos loiros.

— Seria possível que ele tivesse usado no parque algum tipo de droga de amplo aspecto, que apagasse as lembranças de todos que estivessem próximos a ele? — perguntou Simone.

— Meio maluco isso que você está sugerindo. Nunca ouvi algo assim. Só falta sugerir hipnose ou bruxaria... — brincou André.

— Ah, sei lá! Só queria que esse canalha fosse logo encontrado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo IX

Marcelo chegou ao teatro pouco antes da encenação começar, porque havia se demorado escolhendo um buquê de rosas para Marina. Dirigiu-se à sua cadeira, num ângulo privilegiado escolhido pela namorada especialmente para ele. Quando ela surgiu no palco, logo no início da história, ele sentiu o coração disparar. Ela e o restante do elenco eram tão bons atores que em pouco tempo ele assimilou a personagem e começou a torcer pelo romance aparentemente impossível que se descortinava para o público. Quando, no final, o casal caminha em direção um

ao outro para o tão esperado final feliz, Marcelo ergueu-se junto com o restante da plateia para ovacioná-los de pé. Surpreendentemente não se incomodou com o beijo dos protagonistas, achando o desenlace bonito. Foi aos bastidores entregar as flores e avisar que a esperaria do lado de fora. Parabenizou a todos, deixando o grupo encantado com sua simpatia.

— Todos adoraram você. — Marina beijou-o na saída.

— Principalmente as mulheres. — Lorena revirou os olhos. — Elas adoraram você pra valer.

— Não se preocupe, Lorena. Não vou esquecer que você é a próxima da minha lista. Ninguém vai passar a sua frente. — disse Marcelo.

— Acho bom mesmo — ela retrucou, entrando no carro.

— Não vou pegar ninguém antes de você,

PERIGOSAS NACIONAIS

Lorena! Possessiva! — Ele garantiu, batendo a porta do carro.

— Eu acho que vou precisar rever esse acordo! — protestou Marina.

Lorena estalou a língua.

— Eu sabia que em algum momento você ia quebrar a sua palavra e voltar atrás no seu acordo. E eu ia me lascar — respondeu Lorena, e depois se voltou para Marcelo. — Acho que não vai rolar, bonito.

— É uma pena, Lorena... Eu achava a ideia tão boa... Já estava fazendo altos planos. — Brincou Marcelo, dando partida depois que Marina sentou-se ao seu lado.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah, lar doce lar! — Lorena jogou longe os sapatos assim que chegaram em casa — Eu vou tomar banho primeiro!

Marcelo e Marina sentaram no sofá.

— Vamos pedir uma pizza?

— Vamos!

— Quer uma cerveja ou um refrigerante enquanto esperamos?

— Escolha você.

— Vou trazer a cerveja, e bebemos juntos.

Ela fez os pedidos de pizza pelo telefone e aconchegou-se com o namorado no sofá, enquanto bebiam tranquilamente.

— Você é ótima atriz, e estava linda no palco.

— É muito importante pra mim o seu reconhecimento. Sinto-me orgulhosa!

— Eu é que fiquei orgulhoso de você. Acho

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que a qualquer hora vai conseguir um papel no cinema ou em alguma novela.

— Seria bom do ponto de vista financeiro. Mas eu acho que gosto mesmo do teatro. Imagino que a Lorena se daria melhor na TV do que eu. Por falar em TV, posso ligar o aparelho um pouco?

Um noticiário falava sobre o maníaco sexual que violentava as mulheres e depois as abandonava desmemoriadas. O delegado entrevistado dizia ter os melhores agentes empenhados no caso e que o homem em breve seria preso.

— Sabe algo sobre isso, Marcelo?

— É assunto prioritário em todas as delegacias da cidade. Estamos trabalhando em parceria. Mas a maior concentração de esforço é na nossa unidade, por causa da localização onde foram encontradas as mulheres.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então os ataques têm acontecido a nossa volta.

— Sim, em bairros bem próximos, vizinhos um do outro.

— Todas as mulheres das redondezas correm perigo... Por isso que você ficou aborrecido comigo e com a Lorena naquele dia...

— Aborrecido não seria bem a palavra, mas sim preocupado.

— Entendo perfeitamente. Por que não falou isso antes com todas as letras, já que é sempre tão direto?

— Não sei. Acho que não queria imaginar isso acontecendo com vocês. A coisa fica feia, Marina, ele machuca as moças para valer. Pelas marcas deixadas, a violência se prolonga por horas. Ele é muito ruim.

— Vocês suspeitam que seja um homem só,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pelo jeito.

— Sim, segundo o perfil traçado pelo perito, que é um amigo meu dos tempos da faculdade, o André. Ele é muito competente, e não costuma errar.

— Tomara que seja uma pessoa só mesmo. Fica mais fácil de pegar, certo?

— Esperamos que sim.

— Esse seu amigo André tem a sua idade, é solteiro?

— Sim, por quê?

— A Lorena está sem namorado, e eu gostaria de ajudar. Ele é bonitinho? É boa pessoa?

— É ótima pessoa. Ele é moreno, alto, faixa preta de judô e “bonitinho”.

— Que tal trazer ele para jantar aqui conosco amanhã? Podíamos aproveitar que não tenho nem espetáculo e nem ensaio!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A sua amiga vai gostar dessa ideia?

— Vai sim. Senão ela vai ficar nessa bobagem de ficar toda hora com o Tiago, e ele não quer nada sério.

— E o que faz você pensar que o André vai querer algo sério?

— Ora, você, é claro.

— Não foi claro, não. O que eu tenho com isso?

— Ele é seu amigo, certo?

— Certo.

— E você não seria amigo de alguém que é inconsequente ou irresponsável

— Ah, claro!

— Eu disse que era claro!

— Tudo bem, eu vou trazê-lo amanhã, mas se eles não tiverem química, não me responsabilize.

PERIGOSAS ACHERON

— Certo. Ouviu o interfone? A pizza chegou! Lorena, se você não sair desse banheiro agora e me deixar tomar meu banho, eu vou entrar aí e tirar você pelos cabelos.

— Oba! Briga de mulher! — Marcelo foi até a porta, buscar a pizza.

Enquanto colocava a pizza na mesa, Marcelo aguardava Marina sair do banho. Quando ela voltou, cheirosa e de cabelos molhados, ele começou a ficar ansioso pela hora de irem dormir. Mas não exatamente para irem dormir.

Sussurrou em seu ouvido:

— Quero colocá-la em cima da mesa e possuí-la agora mesmo. Foi loucura minha achar que ia conseguir esperar mais algum tempo...

Marina sentiu a rigidez dele contra o corpo dela:

— O que imagina que a Lorena iria achar

PERIGOSAS NACIONAIS

quando passasse por aquela porta e nos pegasse transando sobre a pizza?

Ele deu uma gargalhada, e o corpo relaxou um pouco.

— Está certo. Vou me comportar como um bom menino.

Depois de comerem a pizza, conversando animadamente, Marcelo espreguiçou-se e bocejou de forma ruidosa. Lorena sorriu:

— Vai botar logo esse menino para dormir, Marina. Deixa que eu arrumo tudo por aqui.

Marina e Marcelo foram ao quarto dela de mãos dadas. Ela encostou a porta depois que entraram:

— Notei que você não trouxe pijama.

— Eu disse que dormia nu. Ontem fui generoso, mas hoje não serei tão benevolente. E você também vai dormir nua.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah, eu vou?

— Pode se preparar, querida.

— E aqueles bocejos ainda há pouco?

Uma risadinha marota escapou de Marcelo.

— Eu queria vir logo para o quarto...

Ele a envolveu com seus braços, mordiscando-lhe a orelha, e deslizando a boca pelo seu pescoço:

— Você está tão cheirosa... Vamos tirar logo essas roupas...

Marcelo ajudou-a a se livrar das roupas e deitou-a na cama, logo em seguida tirou as suas próprias. Marina sentia o coração descompassado.

— Sabia que você é linda? — ele indagou, em voz muito baixa e com olhar faminto.

Ele afastou-se para pegar um embrulho que havia trazido em uma sacola plástica.

— Agora quero que você deite de

PERIGOSAS ACHERON

barriguinha para baixo, Marina.

Ela tremeu ligeiramente.

— Acho que não.

Marcelo deu uma gargalhada.

— Está pensando que vou fazer alguma sacanagem pesada contigo, sem nem mesmo transar com você bem bonitinho antes?

Sim, mas não admitiria que o pensamento surgira. Era bobagem, e ele já dera muitas mostras de como era cuidadoso e gentil.

Ao invés de responder, Marina fez outra pergunta:

— O que é isso que você trouxe?

— Óleos corporais, sua boba. Eu vou fazer uma massagem em você.

— Então não será hoje que nós...

— Na sua cama de solteiro e com a Lorena dormindo no quarto ao lado? Ah, não. Nesse caso

PERIGOSAS ACHERON

quem merece um ambiente melhor sou eu, não é? Achei que já havia explicado isso...

Ela sorriu e virou-se de bruços e ele deu um longo suspiro ao admirá-la.

— Acho que eu preciso de um copo de água com açúcar primeiro! A ideia era que você relaxasse ao máximo, mas, tenho que dizer, eu não estou nem um pouco relaxado vendo você na cama e sem roupas.

Marina sentiu-se lisonjeada com as palavras do namorado, e admirou mais uma vez o corpo bonito e musculoso dele. Sorriu-lhe de forma inocente:

— Se você preferir, Marcelo, eu ponho minhas roupas novamente...

— Nem pensar. Eu não vim para sua casa assistir televisão. Pretendo desfrutar, e muito, da sua companhia essa noite. E será a sua última noite

PERIGOSAS NACIONAIS

como virgem, meu amor. Pode cancelar o jantar de amanhã, pois isso pode esperar. Só que depois desta noite, nós não poderemos esperar mais, e vou levá-la em um lugar especial para que se entregue a mim.

Marina piscou. *Finalmente!*

Após tantos flertes que não deram em nada, ou namoricos bobos que findavam quando chegavam à porta da casa dela, com um mero beijo de boa noite ou um “*até logo!*”, Marina passara a se achar pouco interessante. Todos diziam que era bonita, mas algumas dúvidas sobre isso surgiam, pois senão por qual razão nunca despertava a atenção de um homem que realmente desejasse algo mais do que apenas um lanche, ou cinema, em sua companhia? Todos sumiam após alguns encontros. Manter um namoro não podia ser tão difícil, então o problema devia estar com ela.

PERIGOSAS ACHERON

Talvez fosse chata. Talvez fosse muito calada. Talvez falasse demais. Talvez fosse sua mania de falar de política. Ou de reclamar das escalações dos grandes times de futebol. Meter-se demais em questões de esportes masculinos podia incomodar alguns caras, mas ela adorava, fazer o que? Não ia se anular para agradar os outros.

Não ia se anular para agradar ninguém.

Se não conseguia um parceiro que prestasse, não iria se martirizar por isso. Tinha uma carreira, amigos, família. Bastaria. Marina aceitou que possivelmente não servia para manter um relacionamento amoroso, e colocou isto como página virada, prioridade zero. E vivia bem assim, até Marcelo surgir. Agora perguntava-se como pudera viver tanto tempo sem ele. Não sem um relacionamento. Sem *O Marcelo*.

— Então amanhã estarei totalmente pronta

para você? Como pode ter certeza disso?

— Você verá.

Marina não se importava mais aonde seria a sua primeira noite. Essas fantasias de menina, que povoavam sua mente no passado, não mais existiam. Já havia sucumbido totalmente aos encantos de Marcelo, e se ele dissesse que queria possuí-la agora mesmo, naquela cama minúscula de solteiro, cederia imediatamente. Estava louca por ele, e a proximidade do corpo másculo não a permitia pensar com clareza. Porém, o que ele havia lhe dito no outro dia, sobre prendê-la a ele, também poderia ser recíproca, e gostaria de mantê-lo preso a ela por mais tempo, mesmo que o que o estivesse prendendo fosse apenas a fascinação pelo seu corpo feminino.

A verdade é que, mesmo com a declaração de amor, tinha dúvidas se o que ele sentia era

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmo amor verdadeiro ou só uma paixão temporária. E se depois do sexo essa paixão esfriasse? Tremeu diante dessa possibilidade. Sempre havia sido uma mulher bem resolvida, segura, que não se submetia a ninguém. Por que então esses pensamentos tolos? Afastou os maus pensamentos e concentrou suas forças em receber e dar prazer ao seu parceiro.

Nenhum dos dois sabia como as coisas iriam ser depois de um tempo, afinal ninguém sabe, então porque não aproveitar o agora? Mais uma vez superaria, se a relação não fosse adiante. Agora, pelo menos, teria certeza de que era capaz, sim, de viver um relacionamento amoroso satisfatório. Sabia que era uma pessoa interessante, desejável, *e normal*.

Fora o maior presente que Marcelo podia lhe dar. A confiança em si mesma restabelecida, e

PERIGOSAS ACHERON

seu amor-próprio fortalecido.

— Então comece logo essa massagem. Sou toda sua.

Marcelo não precisou de mais um convite. Aproximou-se dela sensualmente e deu-lhe um longo beijo antes de depositar uma generosa porção de óleo corporal na palma da mão.

A massagem aplicada por ele era relaxante e sensual. Em movimentos circulares começou pelas costas de Marina, até chegar aos ombros, fazendo uma suave pressão em seu pescoço. As hábeis mãos deslizaram até os braços dela, massageando agora com as pontas dos dedos. Chegou às nádegas, e tocou-as com as mãos espalmadas em movimentos que subiam e desciam até a parte interior das coxas. Ela gemeu baixinho com aquele apalpar em áreas tão sensíveis. Além disso, a nudez dele tão perto era perturbadora. Ele pareceu ter pressentido seu

pensamento, pois deixou que sua masculinidade roçasse suavemente nela.

Ele terminou de trabalhar as pernas e alcançou seus pés, massageando agradavelmente as solas e também cada um dos dedos. Sussurrou em seu ouvido:

— Acabamos aqui atrás, meu amor. Vire-se.

Ela virou-se de barriga para cima, encontrando os olhos cheios de volúpia do amado. Ele pegou mais um pouco do óleo perfumado, e começou a massagear os ombros, descendo em seguida e demorando-se mais nos seios.

— Não acho que os massagistas façam isso que você está fazendo agora. — Marina sorriu, deliciada com as mãos do namorado.

— Ah, não mesmo. Seria considerado um sério caso de abuso da profissão. Mas como não sou um profissional da área e nem estou cobrando

PERIGOSAS NACIONAIS

por sessão, posso me dar ao luxo de cometer alguns excessos. Mas se você não estiver gostando, posso parar. — Ele retirou as mãos.

— Trate de colocar suas mãos aí novamente, e continue a massagem.

— Sim, senhora — ele disse, prontamente, voltando aos movimentos circulares, e agora descendo pelo abdome, as pontas dos dedos massageando a cintura, detendo-se na área abaixo do umbigo, movendo de baixo para cima. — Vou caprichar mais aqui, pois estimula seus órgãos internos e aumenta seu apetite sexual.

— Aumentar ainda mais? Você quer que eu enlouqueça?

— Claro que sim, você ainda tem dúvida? Vou subir na cama e ficar por cima de você para massagear melhor, mas não precisa ficar apreensiva.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Apreensiva não seria a palavra. Ficarei muito tentada.

— Não chegarei tão próximo assim. Não se assanhe.

— Ah, Marcelo, estou louca por você...

— Agora só uma coisa me preocupa. Suas amigas já devem ter contado a você que a primeira vez de uma mulher pode ser dolorosa, certo?

Ela concordou com a cabeça:

— Mas não tenho medo, porque será com você.

— Fico feliz por esse crédito. Você sabe que a tensão pode complicar as coisas, e penso que não conhecer seu corpo e o de seu parceiro, aumentaria a dor. — Ele parou a massagem — Acho que encerramos por aqui. Pelo menos a área externa...

O coração dela estava disparado. E ansioso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que estamos apenas começando...
— ela murmurou, abraçando-o e o trazendo mais próximo de seu corpo.

— Ah, você quer brincar um pouquinho? Então, vamos brincar... — E ele a beijou de uma forma mais erótica do que qualquer movimento que suas mãos já houvessem feito.

As brincadeiras provocativas e sensuais duraram a noite toda, enquanto testavam o desejo que os unia. Houve pouco sono, pouco descanso, e muito, muito tesão.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo X

Quando Marina e Marcelo entraram na cozinha atrás do cheirinho agradável de café que Lorena havia feito, ela os cumprimentou alegremente:

— Bom dia, queridos! Dormiram bem? Ou será que não dormiram nada?

— Bom dia! Não vou morder sua isca e nem contar os "detalhes sórdidos" — replicou Marina.

— “Detalhes sórdidos”? — Marcelo ergueu as sobrancelhas, desconfiado.

— Ah, não se preocupe. Essa foi a expressão que ela usou comigo lá na delegacia, só

estou repetindo.

— Acho que não entendi, mas tudo bem...

Enquanto tomavam o desjejum, sentados à mesa, o telefone celular de Marcelo disparou. Ele leu rapidamente a mensagem de WhatsApp, terminou de engolir o café e levantou-se.

— Preciso ir. — Beijou Marina — Venho buscá-la a noite.

— O que houve? Algum problema?

— Temos um caso que envolve reféns. O delegado me pediu um favor especial e vou para o local agora.

— Quer dizer, vai colocar alguém sob a mira de sua arma?

— É um bandido, Marina, e está ameaçando gente inocente. Eu tenho que ir agora, não posso conversar. — Ele estava ligeiramente impaciente.

— Tudo bem. Mas me prometa antes uma coisa.

— Fale — ele estava sacudindo as chaves do carro na mão, e Marina sabia que sua mente já estava focando no que precisaria fazer para salvar os reféns.

— Telefone-me depois que tudo acabar. Preciso saber que você está inteiro.

O olhar severo dele abrandou. Deu-lhe outro beijo.

— Prometo que ficarei bem e prometo também que vou ligar.

Marcelo já não sabia mais há quanto tempo
PERIGOSAS ACHERON

estava deitado naquele telhado, agarrado com sua arma, a mira apontada para a cabeça do bandido que segurava um refém, ameaçando-o com uma pistola. As costas arranhadas pelas unhas de Marina na noite anterior, misturadas com o suor resultante pelo uso prolongado do pesado colete à prova de balas, debaixo de um sol escaldante, trazendo um desagradável incômodo ao combinar-se à dor óssea que a tensão do momento trazia. No momento em que Alan, o negociador da polícia civil, conseguiu fazer com que o bandido abaixasse a arma, Marcelo sentiu um grande alívio. Aguardou a ordem superior, que veio pelo ponto eletrônico de escuta preso a seu ouvido, para que descesse do telhado.

Bateu no ombro de Alan, ao passar por ele já na rua.

— Bom trabalho, Alan.

— Obrigado, Marcelo. Agradecemos a

força.

— Não agradeça, não precisei fazer nada.

— Marcelo retirou o colete da polícia com o máximo de agilidade que podia, lutando contra as dores que pipocavam por todas as costas e ombros. Ainda assim a sensação geral era boa. Não precisara usar a munição!

O alívio que Marcelo sentia não provinha totalmente do fato de não precisar atirar num bandido, mas principalmente de como Marina reagiria a isso. Era ponto pacífico entre todos os policiais — civis, federais ou militares — que contar a uma amante em potencial que você havia alvejado alguém apenas algumas horas antes de encontrá-la, era querer garantir-se que iria para a cama sozinho mais tarde.

Não importava o qual ato heróico havia sido, ou o quanto o indivíduo era perigoso, falar

PERIGOSAS NACIONAIS

que atirou em alguém não soava nem um pouco sedutor e esfriava rapidamente os arroubos de paixão feminina.

Os jovens policiais aprendiam cedo a contornar esse problema, evitando alguns detalhes sobre seu trabalho. Depois de casados, a conduta de calar-se sobre situações que envolviam sangue e tiros se intensificava. Nenhum homem desejava uma recepção pouco calorosa à noite, depois de um estressante dia de trabalho. Era melhor frustrar-se por não poder conversar sobre o seu dia, do que frustrar-se por não ter seus anseios sexuais atendidos.

Não era da natureza de Marcelo, no entanto, mentir ou mesmo omitir algo que lhe era diretamente perguntado. Sua honestidade e a criação dada por seus pais não permitia mentiras. Se houvesse disparado contra alguém hoje e Marina

PERIGOSAS ACHERON

tivesse perguntado, teria que dizer-lhe. E jogar assim por água abaixo todo o trabalho que havia tido com ela nas noites anteriores, preparando-a para hoje. Não pretendia cometer nenhum erro tático agora, então pegou o telefone para tranquilizá-la.

Marina pulou para o telefone e o atendeu ao primeiro toque. Havia ficado sentada ao lado do aparelho o tempo todo, quase sem piscar, o coração na mão. As mensagens que chegavam eram sempre de outras pessoas, e ninguém fazia ligações. Nem mesmo no fixo. Lorena havia tentado distraí-la com

alguma conversa, porém sem muito resultado.

— Alô! Ah, Marcelo, graças a Deus você está bem! E precisou atirar? — ela ouvia alegremente, com Lorena ao lado, também ansiosa por notícias do amigo — Graças a Deus que não, certo? Ainda bem que tudo acabou bem! Eu te amo, viu? Estou ansiosa para que a noite chegue. Um beijo. Tchau.

Lorena, acompanhando atentamente a conversava, também respirou aliviada.

— Que bom, Marina! Ficou tudo bem no final. E mais tarde você poderá se encontrar com seu príncipe encantado!

— Fiquei tão preocupada com ele! Nunca tinha me dado conta que sua profissão era tão perigosa. Será que posso viver assim, com um homem que irá todos os dias sair levando meu coração nas mãos e só me entregá-lo novamente

quando voltar à noite?

Lorena segurou as mãos frias da amiga, e as apertou, dividindo com ela seu calor.

— Você o ama, Marina?

— De todo o meu coração.

— Você o deseja?

— Intensamente.

— Ele tem mau hálito matinal ou ronca alto?

— Não — Marina conseguiu enfim sorrir.

— Então é claro que você deve ficar com ele, mesmo que isso a faça sofrer um pouquinho. Os homens sempre nos fazem chorar mesmo em algum momento, sempre vai haver algum tipo de torturazinha, emocional ou física, causada por eles, quase sempre de forma inconsciente. Mas a felicidade plena de estar com alguém que a ama incondicionalmente, compensará qualquer tipo de

dor. Seja feliz com esse presente lindo que ganhou do céu, e fique apenas agradecida por ele estar bem, sem se preocupar com mais nada.

— Você é a melhor amiga do mundo todo!

— Eu sei. Agora pare com essa cara de choro, e vá lavar esse rosto.

Elas se abraçaram, e em seguida Marina tomou um longo banho, depilou-se e perfumou os cabelos. Queria estar absolutamente perfeita para sua grande noite!

Marcelo estava sorridente ao desligar o telefone.

— Te devo uma — disse, ao passar por Alan novamente.

— Me deve? Por quê? — perguntou o rapaz, diante do sorriso bobo na cara do amigo.

Marcelo deu de ombros e continuou andando até seu carro, o belo sorriso se ampliando cada vez mais.

O investigador deu uma última olhada no espelho antes de sair. Gostou do que viu. A camisa preta de botões valorizava ainda mais a beleza do seu rosto e os brilhantes olhos azuis. Colocou a arma no coldre e prendeu-o junto ao corpo. Enfiou a carteira no bolso traseiro do jeans e saiu do apartamento satisfeito, girando as chaves do carro entre os dedos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Enquanto dirigia, Marcelo divagava um pouco sobre o maníaco sexual que estava à solta atacando mulheres inocentes. Entre elas, sua própria prima, uma policial. Era muito frustrante ver o tempo passar e o caso não ser resolvido. Há alguns dias o psicopata andava quieto, o que deixava os policiais ainda mais apreensivos, como se uma bomba estivesse prestes a explodir em algum lugar. E esse lugar poderia ser a praça, o caminho para a escola da filha, ou, o pior dos pesadelos, a porta de sua própria casa.

Não havia um só homem na corporação que não tivesse enchido a cabeça de seus familiares com instruções sobre cuidado e defesa, preocupados de que a próxima vítima pudesse ser alguém de sua estima.

Ele também era um desses homens preocupados e tensos. Não pudera proteger Simone.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Marcelo chutou uma pedra longe. Se botasse as mãos no bandido que atacara a prima, e tantas outras... Ele não sabia se sobraria muito do monstro para ser julgado num tribunal. Seu ódio pelo criminoso era muito grande, maior do que a punição que poderia receber se tentasse fazer justiça por conta própria, logo ele que sempre trabalhara muito certinho.

Mas forçou-se a não pensar mais em crimes ou trabalho. Hoje seria uma noite de prazer. Ia aproveitar.

Se deliciar.

Se fartar.

Aguardava Marina na portaria do edifício. Ela surgiu gloriosa, usando um vestido vermelho justo, que terminava um pouco abaixo dos joelhos e tinha uma fenda na coxa esquerda capaz de levantar um defunto do túmulo. Marcelo engoliu em seco

PERIGOSAS ACHERON

com a aparição.

— Aonde vamos? — perguntou, depois de beijá-lo, deixando-lhe uma discreta marca de batom vermelho nos lábios, que ela limpou suavemente, deixando-o ainda mais desconcertado.

— Ahnn... Jantar primeiro.

— Mudou de ideia? Disse, ontem, que não iríamos jantar.

— Só não pretendia jantar com outras pessoas.

— Disse que o jantar seria eu.

Marcelo engoliu a saliva:

— Não posso ter sido tão grosso.

Marina deu uma risada, e jogou os cabelos para trás. Os cabelos que ele adorava tocar, enrolar no punho, e puxar, com cuidado para não machucar, até trazer o rosto dela de encontro ao seu, para um beijo. Ia fazer isto quando estivessem

PERIGOSAS NACIONAIS

na cama mais tarde, segurá-la pelos cabelos quando estivesse encaixado bem atrás dela, quando a estivesse golpeando com estocadas fortes e profundas. Os beijos não seriam doces, seriam selvagens, tinha certeza. Noite passada tivera plena certeza de que o sexo entre eles seria explosivo, e os puxões, arranhões e mordidas acompanhariam o ritmo. Marcelo esticou a mão, tocando uma mecha, analisando o monte de fios entre os dedos. Pareciam mais brilhantes e sedosos que nunca.

Marina resolveu interromper os pensamentos de Marcelo:

— E depois?

— E depois você sabe o que vai acontecer...

— Conte-me em detalhes.

As sobrancelhas de Marcelo uniram-se:

— Safadinha. Continue assim e não lhe levarei para jantar antes...

PERIGOSAS ACHERON

Marina riu:

— Está bem, policial. Leve-me para comer.

— Ah... — Marcelo deu uma palmada no traseiro de Marina antes de entrarem no carro — Comporte-se, garota.

Ela estava extremamente tranquila, e ele, bastante nervoso. Sentado no restaurante, mal continha-se de ansiedade. Esforçava-se para não demonstrar, mas imaginava que a namorada já havia notado, pois comia bem lentamente, com expressão divertida. Enquanto aguardava que ela terminasse sua sobremesa, inclinou-se um pouco na cadeira, aproximando-se de Marina:

— Seja piedosa e pare de me torturar. Você sabe que estou a ponto de arrancar suas roupas aqui mesmo, não sabe?

— Já estou terminando, apressadinho.

— Pode me chamar de tudo, menos de

PERIGOSAS NACIONAIS

apressadinho. Eu já esperei demais, e não falo de hoje.

— Ora, onde está o cavalheiro que iria aguardar pacientemente até que eu estivesse pronta?

— Você já está mais do que pronta, e demonstrou isso muito bem na noite passada.

— Pode pedir a conta. Já terminei. — Ela continuava rindo dele.

— Muito obrigado!

Dentro do carro, Marina voltou a perguntar:

— E para onde vamos agora?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Para um motel.

— Motel? Por que não vamos para sua casa? Para que gastar com um motel quando temos a sua linda cama a nossa espera?

Ele voltou-se para ela, espantado:

— Você me surpreende! Achei que toda mulher gostaria de sair da rotina indo a um motel. Você já foi a algum motel?

— Não, mas já fiquei hospedada em hotéis com o pessoal do teatro.

— É bem diferente, você verá. E quem vai pagar sou eu, não precisa ficar com a consciência pesada por isso. Além do mais, em um motel você poderá ficar mais à vontade para gemer alto, e gritar o quanto quiser.

— Ah, que presunçoso...

A resposta dele foi apenas um sorriso de lobo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo XI

Quando chegaram ao quarto, Marcelo deixou Marina examinar à vontade toda a grande suíte de luxo, enquanto servia-lhes bebidas do frigobar. Estava excitado, e temia pular em cima dela enquanto ela assimilava o ambiente. A namorada precisava relaxar antes.

Ele precisava relaxar antes.

Marina voltou entusiasmada com a inspeção que fizera.

— Marcelo, isto aqui é incrível! Acho que é maior que meu apartamento! Sabia que tem uma banheira de hidromassagem enorme? E piscina

aquecida!

Ele sorriu diante da animação de Marina.
Ela continuou:

— Tem um ofurô! Eu só havia visto isso em filmes! E para que serve essa cadeira esquisita? —
Ela pôs a mão sobre uma estranha cadeira preta.

Marcelo aproximou-se.

— É uma cadeira erótica, para exercitar posições sexuais. Acho que se dermos uma olhada por aqui encontraremos um livrinho com ilustrações. Algumas são mais criativas do que confortáveis. Podemos testar todas, e teremos assim ângulos amplos e bem interessantes um do outro.

— Oh! — As bochechas de Marina ficaram rosadas.

Marcelo sorriu ainda mais. Marina era tão doce, e tão surpreendentemente inocente, apesar da capa de mulher sexy e experiente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não fique envergonhada. A gente só sabe para o que serve quando vai a um motel, ninguém tem isso em casa.

— Supõe-se que não.

— Ah, é. Supõe-se.

Os dois voltaram a olhar para a cadeira, e depois entreolharam-se, sorrindo com cumplicidade.

— E uma barra para pole dance. — Ela pôs a mão no cano vertical, deu um pequeno impulso e girou em volta dele.

Marcelo sentiu os batimentos cardíacos acelerarem com o movimento sensual dela. Seu membro ficou mais duro. Não sabia que seria possível, mas com certeza ficara.

— Eu sei dançar isso, sabia? Fiz um curso rápido para interpretar uma stripper em um musical. Eu fazia o número de abertura do

PERIGOSAS ACHERON

espetáculo. Gostaria que eu lhe mostrasse como era?

— Gostaria muito — ele respondeu com voz rouca.

— Procure uma música que combine, então.

Ele sintonizou o rádio, que ficava ao lado da grande cama. Encontrou uma música sexy, ajustou os botões das lâmpadas para que ficassem à meia luz, e sentou-se para admirar Marina.

Marina começou fazendo uma striptease elegante, ficando apenas com o sutiã e a calcinha de renda vermelha, e com os sapatos de salto alto. Em seguida começou a dançar a pole, com giros e inversões de corpo em volta do poste. Quando terminou, com um movimento impressionante de pernas, bem abertas e esticadas no chão como uma bailarina clássica, Marcelo levantou-se hipnotizado. Pegou-a no colo e levou-a para cama. Murmurou

no ouvido dela:

— Isso foi mais do que qualquer homem pode aguentar, meu amor... Preciso de você nesse minuto...

Despiu-se e terminou de despi-la, colocando-a de costas sobre o colchão macio.

— Desejei isto desde o primeiro momento que a vi. Estou me esforçando para ir com calma, Marina. Nem sei se consigo.

Ela apenas sorriu. Não sabia o que falar. A tranquilidade aparente que havia anteriormente dera lugar à mesma ânsia que Marcelo sentia. Desejava-o também, por completo. Por inteiro. Portanto, apenas puxou-o pelo pescoço, para que suas bocas se encontrassem.

Marcelo deslizou os lábios por todo o corpo de Marina, mordendo-lhe a carne rija, lambendo-lhe a pele sensível, e então experimentando, com

seus dedos, se ela já estava pronta para recebê-lo.

Os gemidos dela foram o melhor sinal. E apertou-se a ele com força, ansiosa.

Finalmente Marcelo retirou os dedos, e buscando espaço entre os quadris de Marina, preparou-se para tomá-la de verdade, por completo.

Os beijos e carícias serviram para apaziguar-lhes e suavizar o ardor. Marcelo aninhou-se entre as pernas de Marina, e penetrou-a bem devagar, sussurrando palavras doces de amor.

Com as barreiras cedendo diante da excitação do momento, a invasão masculina não foi difícil.

Um suave murmúrio escapou dos lábios de Marina, tornando Marcelo subitamente tenso. Ele parou seu movimento.

— Dói muito, amor?

— Não. Eu... ah...arde um pouco. Só isso. Por favor, não pare... — Ela o abraçou com mais força, erguendo as pernas para fechá-las em torno do amado. Estavam presos um ao outro.

Marcelo soltou um grunhido, muito gutural.

— Não quero parar.

— Então vem com tudo, Marcelo!

Marcelo a obedeceu sem questionar. Não demorou muito para que seus impulsos se tornassem mais fortes e bruscos, enquanto Marina lhe arranhava as costas. Os gemidos de ambos ficavam mais altos com a proximidade do clímax.

O êxtase lhes chegou numa explosão de gritos, suor e alívio.

Ficaram algum tempo abraçados em silêncio. Marcelo resolveu falar, e sua expressão era um pouco culpada:

— Você está bem? Desculpe-me se fui

bruto, mas eu... no final eu já estava meio sem controle...

Marina deu uma risada, sacudindo ambos, já que Marcelo estava parcialmente sobre ela.

— Foi maravilhoso! Só incomodou um pouco no início.

Marcelo sorriu, o peso da preocupação indo embora.

— As próximas serão ainda melhores — garantiu ele.

— Conseguiremos tempo para essas “*melhores*”, hoje?

— Minha querida, reservei a suíte para a noite toda. Gostaria de me mostrar onde fica a piscina aquecida?

Fizeram amor a noite inteira, explorando totalmente as possibilidades da suíte, e intercalando o sexo com uns poucos momentos de sono, o

PERIGOSAS NACIONAIS

suficiente para não ficarem exauridos.

O amanhecer encontrou-os mais apaixonados que no dia anterior, felizes, plenos e completos.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo XII

Marcelo deixou Marina em casa, para que descansasse, e voltou ao seu próprio apartamento a fim de trocar de roupa e trabalhar. Chegou à delegacia bem disposto, apesar das poucas horas de sono. Lembrou-se do jantar com Lorena e Marina, que havia sido transferido para essa noite, e foi procurar André.

— Marina tem uma amiga, e elas farão um jantar especial hoje. Disseram que eu deveria levar um amigo e pensei em você, André.

— Eu? Me deixa fora dessa.

— Qual é, cara? Por quê? Sei que está sozinho.

André balançou a cabeça.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Essa amiga da sua namorada é feia, não é?

Marcelo riu.

— Não! Ela é uma tremenda gata.

— Mentira. Amiga de namorada de amigo é sempre uma feia encalhada.

O amigo respirou fundo:

— Sabe esse outdoor que tem aqui em frente à delegacia, esse da propaganda de pasta de dentes?

— Esse da morena gostosa usando um biquíni pequenininho e saindo da piscina?

— Exato. A morena gostosa é ela, mas se você não está interessado, eu vou convidar o Dante, aquele meu amigo bombeiro. Ele vai adorar a Lorena.

Marcelo foi se afastando, mas André pulou na sua frente.

PERIGOSAS ACHERON

— A que horas temos que estar lá?

O dia passou rápido para Marina e Lorena. O bom humor da loira era tão grande que acabou brindando a amiga com alguns detalhes picantes da noite passada. A aventura do casal na cadeira erótica, tentando reproduzir algumas posições sugeridas num manual, arrancou sonoras gargalhadas de ambas. Terminaram o jantar cerca de uma hora antes do horário marcado com os rapazes. Lorena sentou-se para ler o texto de um teste de novela que iria fazer na próxima semana, enquanto Marina foi para o chuveiro. Quando a campainha tocou, sobressaltou-se no sofá. Achou

estranho o interfone não haver tocado, e pensou que Marcelo e seu amigo estavam bem adiantados, mas prontamente abriu a porta. Só que não eram eles.

Ao sair do banheiro, já vestida para esperar a hora do jantar, Marina deparou-se com Lorena amordaçada e amarrada em uma cadeira num canto da sala. No sofá, confortavelmente sentado, estava Dimitri, com seu olhar sombrio e semblante indecifrável.

— Boa noite, minha cara.

Ela não teve tempo suficiente para gritar ou correr. Ele era enorme, e a dominou com facilidade.

Amarrou-a e amordaçou-a da mesma forma que havia feito com a sua amiga. Prendeu-a em outra cadeira e sentou-se diante dela.

— Eu não queria ter que vir aqui, porque afinal de contas vocês são minhas clientes e não gosto de misturar as coisas, mas como vocês sabem, sou um adivinho muito procurado. Meu problema é que estou tendo dificuldades nos negócios... Porém as coisas podem melhorar. Um dos meus antepassados era praticante de magia negra, e decidi que também farei uso dela. Com isso meus problemas acabarão de vez, estarei apto a fazer adivinhações e reconquistar minha clientela. Eu tenho um nome a zelar, e um padrão de vida alto, que quero manter. Não aceitarei decair. Ninguém vai me colocar num nível inferior. Nunca. Estou me dando ao trabalho de conversar com vocês para tranquilizá-las, já que vão me ajudar, é justo. — Dimitri falava com o olhar perdido em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

algum ponto além das moças, como se divagasse — Já devem ter ouvido falar das mulheres que têm sido encontradas sem memória pela cidade. Bem, eu fiz isso. Cada uma delas mereceu. Mulheres orgulhosas, insolentes, curiosas. Foi ótimo vê-las caírem de joelhos no meu quarto após algumas horas de humilhação, mas acabei sendo benevolente e lhes tirei as recordações ruins. Eu sou muito, muito bom em hipnose.

Então voltou a focalizar Marina e Lorena, dando-lhes um sorriso grande, e um tanto assustador. Abriu as mãos num movimento que deveria servir para acalmá-las, e tornou a falar, agora em voz baixa:

— Não serei mau para vocês. Vi suas auras, e eram boas, e não fizeram nada de errado contra mim. Lorena simplesmente esquecerá que eu estive aqui e que levei você comigo, Marina.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele olhou para Marina e deu de ombros, como pedindo desculpas:

— Preciso levar você, compreenda. É que dessa vez preciso que minhas adivinhações sejam mais eficientes, pois tenho uma grande cliente, uma empresária poderosa, e há muito dinheiro envolvido. Para que minha mente funcione melhor, dessa vez ao invés de sacrificar algum animal, sacrificarei uma virgem. Não tive muita sorte para arrumar uma, e o tempo não está muito a meu favor. Estava ficando sem opções... Então me lembrei de sua visita. Não será doloroso, garanto.

Ele levantou-se e deu uma volta ao redor de Marina.

Ela estava chorando, e Lorena também.

— Fique calma. Vou prepará-la, entrar na sua mente, e deixá-la muito tranquila...

Dimitri colocou a mão sobre a cabeça loira,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acariciando-a como quem acalma uma criança. Parou subitamente, e seu rosto foi ficando vermelho. Solto um urro.

Havia adivinhado a mudança em Marina.

— Você não é mais virgem! Como teve coragem de fazer isso comigo? Sua vagabunda! E eu quase tive pena de você e da sua amiga! — Ele estava colérico. — Já que atrapalhou meus planos, tenho direito de vingar-me! Vou fazer coisas com você que nem é capaz de imaginar, e depois ainda farei pior com sua companheira, para que você assista a tudo e saiba o sofrimento que causou a ela. E não vou permitir que esqueça! Na verdade, quero as memórias bem claras na sua mente, para que possa vivenciá-las a todo o instante até o fim de sua vida!

Dito isso, esbofeteou Marina com toda a força.

PERIGOSAS ACHERON

Marcelo estava estacionando o carro em frente ao prédio da namorada.

— Você podia pelo menos deixar que eu passasse em casa para colocar uns sapatos mais confortáveis, André! Fiquei de sapato social o dia todo, e merecia trocar por uns tênis.

— Não, Marcelo, estou ansioso para conhecer logo a sua amiga gostosa!

— Nós vamos chegar lá cedo demais, nem sei se elas estarão prontas nos esperando.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não tem problema, vale a pena esperar por uma mulher bonita.

— Sou pontual, mas chegar antes da hora costuma irritar as mulheres.

— Ah, que nada!

Marcelo bufou.

Chegaram ao edifício, e a portaria estava escancarada, sem o porteiro.

O instinto policial de ambos entrou em ação, os alertando ao mesmo tempo. Marcelo lançou um olhar significativo para André, que respondeu levantando a barra do paletó e mostrando a pistola automática. Entraram silenciosamente, e seguiram pelas escadas, parando em cada pavimento e ouvindo atrás das portas. Era um prédio pequeno, com quatro apartamentos por andar, e logo chegaram ao terceiro piso, onde as atrizes moravam. A porta delas estava fechada, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

os gritos de um homem raivoso se faziam ouvir lá dentro.

Marcelo sentiu a pele ficar fria. Marina estava em perigo!

Os dois policiais sacaram suas armas. Aproximaram-se cuidadosamente e uma troca de olhares entre eles foi o suficiente: em menos de um segundo arrombaram a entrada e já estavam lá dentro. O homem que antes gritava virou-se para encará-los, surpreso.

Sua surpresa não durou muito.

A fúria voltou a dominar-lhe.

Mas Marcelo e André também estavam raivosos, e a raiva só piorou ao avistarem as garotas amarradas na sala, vulneráveis e trêmulas.

O invasor veio na direção dos policiais, vociferando palavras incompreensíveis, com o olhar alucinado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Marcelo não titubeou. Deu um único e certo tiro no meio da testa do maníaco.

Marcelo e André imediatamente desamarraram as moças. Elas demoraram algum tempo para acalmar-se, e enfim parar de chorar, mas os rapazes esperaram pacientemente, abraçados a elas.

Estavam salvas, e novamente seguras. A sensação de pânico iria diminuir e dar lugar ao alívio, em algum momento.

A raiva e a tensão de Marcelo também iria passar, mas ele tinha certeza que não seria logo. A possibilidade de perder a mulher de sua vida, ou mesmo de que ela sofresse, era assustadora. Nunca sentira tanto medo antes.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo XIII

— O varal de roupas do meu apartamento parece até loja de lingerie. Nunca vi tantas calcinhas e sutiãs juntos!

André dava risadas ao escutar as histórias de Marcelo. Estavam tomando café, enquanto falavam sobre o fato de Marina e Lorena estarem provisoriamente hospedadas com ele, traumatizadas demais para voltarem à casa onde haviam visto o diabólico Dimitri morrer.

— Mas em compensação minha casa nunca foi tão divertida. Marina e Lorena juntas são muito engraçadas, você sabe.

André estava namorando com Lorena, e o grupo estava quase sempre junto.

— E, além disso, no final do dia você tem duas beldades para admirar. — Gracejou o perito criminal.

— Quando a Simone vai lá pra casa conversar com elas, então parece o paraíso: é muita perna de fora e muito bumbum empinado ao mesmo tempo. Tem que ver os shorts que elas usam, é uma loucura...

— Meu Deus, você é um depravado...

— Sou um sortudo. — Marcelo riu.

— Isso é inquestionável — concordou André.

— Mas tudo que é bom dura pouco e em breve elas vão embora, assim que encontrarem outro apartamento.

André parou de rir.

— A Lorena não te falou que vai viajar em breve para outro estado e ficará seis meses fora,

fazendo novela?

— Falou,
sim.

— A Marina vai ficar sozinha no próximo apartamento, ou terá que arrumar outra companheira para dividir as despesas.

— É, eu sei disso. A Simone e elas estavam até discutindo as possibilidades de morarem juntas.

Os olhos de André se estreitaram, e perguntou rispidamente:

— Por que você vai deixar a Marina sair da sua casa, Marcelo?

— Como assim? — Marcelo não compreendeu o porquê da rispidez na voz do amigo.

— Você sabe o que quero dizer, cara. Você e ela estão firmes, se amam, ela é linda e ainda se desfaz em cuidados com você. Sabe como é difícil

PERIGOSAS NACIONAIS

na nossa profissão arrumar uma mulher que se dedique a nós realmente, como ela faz contigo? Você sabe que muitas tremem na base quando sabem que somos policiais, por um monte de razões diferentes. O que você está esperando para pedir a sua namorada em casamento? Está esperando um galã de cinema aparecer e levá-la de você?

— Tem pouco tempo que estamos juntos...

— Ah, nem você acredita no que está dizendo! Porque o tempo não foi empecilho para ela morar na sua casa e partilhar a cama com você.

— Cuidado com o que fala, André — avisou Marcelo, muito sério.

— Ah, não está gostando da conversa? Pois eu te conheço há anos e vou continuar falando. Se você não tomar uma atitude, e logo, vai acabar perdendo esse mulherão para algum ator ou diretor rico e ela vai ter lindos bebês loiros com outro.

PERIGOSAS ACHERON

O rosto de Marcelo havia endurecido de irritação.

— Cara, a gente vai acabar se estranhando.

— É mesmo? Cai para dentro. Quero ver o resultado que dá. Também sou Faixa-preta, não esqueça isso. E não esqueça também que eu sou seu amigo!

Marcelo sabia que André era seu amigo de verdade, mas não estava gostando nem um pouco da conversa. O outro prosseguiu:

— Ela vai fazer lindos bebês loiros, mas, que pena... eles não vão ter olhos azuis... porque os bebês não serão com você!

— Tá, eu já entendi. Qual o seu problema?

Marcelo fechou as mãos em punho, e deu um passo a frente, invadindo o espaço físico de André, para intimidá-lo. No entanto, ao invés de afastar-se, o outro levantou ainda mais o queixo,

afrontando-o.

— O problema é que você é um imbecil, esse é o problema! Mas depois não vai dizer que não tentei avisar-lhe. — Então deu-lhe as costas, já afastando-se.

Marcelo o puxou pelo ombro.

— Espera aí, o que você sabe e que eu não sei?

— A Lorena está tentando arrumar uma vaga para a Marina na novela, para que elas possam viajar juntas.

— E por que ninguém me disse nada? — Marcelo estava aturdido.

— Porque a Marina não sabe, será uma surpresa. Isso é, se a Lorena conseguir o papel para ela. Mas eu acho que ela vai conseguir, porque eu soube que um dos atores principais viu a foto dela e está brigando para encaixá-la. E também soube que

o diretor dessa novela adora atrizes loiras. Percebeu aonde isso vai parar? Ela vai estar longe de você, com os gaviões sobrevoando em torno...

Marcelo entendia perfeitamente. Sacudiu a cabeça, toda a irritação havia lhe deixado, e em seu lugar surgia uma sensação de impotência.

— Mas aí a questão então não vai ser eu casar com ela, mas sim proibi-la de viajar, e você sabe que não posso fazer isso, não posso impedi-la de fazer sucesso, realizar seus sonhos. Mesmo que eu peça e ela aceite abrir mão do trabalho por mim, mais cedo ou mais tarde vai me odiar por isso. Você não pediria isso para a Lorena, André.

André assentiu.

— É bem diferente, a Lorena não é minha alma gêmea.

Marcelo riu.

— Esse seu romantismo não é coisa de

macho, sabia?

André finalmente sorriu.

— Pelo menos essa história não fez você perder o bom humor.

— Você que pensa. A sua conversa estragou meu dia. Preciso Pensar o que fazer agora?

— Reflita sobre o assunto com calma.

Marcelo se despediu do amigo de forma vaga e se afastou resmungando.

Uma coisa era manter um namoro com Marina quando ela morava em outro bairro. Outra coisa muito diferente seria fazer isto com ela morando em outra cidade, em outro Estado. Ele enlouqueceria se não a pudesse ver todos os dias da semana.

Ele enlouqueceria se não pudesse mais tê-la nos braços todas as noites.

E logo depois de quase perdê-la para um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

louco! Quando Lorena e Marina narraram tudo o que Dimitri lhes dissera, Marcelo e André ficaram pasmos. Era então aquele homem, estatelado no chão do apartamento das garotas, o cigano que lhes fizera adivinhações e que estivera sozinho com elas antes, o temido maníaco que atacava mulheres na cidade? O estuprador de Simone? O dono do misterioso dom de hipnotizar e manipular memórias, deixando suas vítimas perdidas e desorientadas? O segredo que envolvia os procedimentos usados por ele para entrar nas mentes femininas havia morrido com o psicopata. E devia estar junto dele, no inferno.

Dimitri pretendia matar Marina. E depois, quando soube que ela não era mais virgem, anunciou que iria violentá-la.

Meu Deus...

Se ele não tivesse chegado a tempo...

PERIGOSAS ACHERON

Marcelo sacudiu a cabeça.

Se ele...

Se...

Ele não queria mais pensar nisso. Em Marina correndo riscos, em Marina longe dele.

Ela era seu amor, sua mulher.

Precisava protegê-la, precisava cuidar dela, amá-la, precisava... Precisava dela.

E agora, ela iria embora...

Quem cuidaria dela? Quem a protegeria?

E o que seria dele sem Marina?

Mal abriu a porta do apartamento e Marina pulou sobre ele, envolvendo-lhe o quadril com as pernas, mantendo-se pendurada nele, e cobrindo-o de beijos.

— Isso é que é uma recepção de boas-vindas! O que eu fiz para merecer? — Marcelo soltou uma risada, feliz com as boas-vindas recebidas.

Marina desgrudou-se de Marcelo, e começou a saltitar em volta dele.

— Ah, é que eu estou muito feliz! Tenho novidades!

Opa! Um alarme está soando! — O investigador sentiu-se mal. Engoliu em seco antes de falar:

— Novidades?

— Consegui um emprego que eu queria

muito!

Ele deixou-se cair no sofá.

— Eu não sabia que havia um emprego que você queria muito...

Ela guardava-lhe segredos?

— Ah, é que tem certas coisas que dá azar ficar falando. E todo o ano eu tento entrar, e não consigo, então não sabia que agora ia conseguir.

— É uma coisa que você deseja há anos...

— Marcelo estava atordoado.

Ele não era tão importante que merecesse saber de todos os sonhos que ela guardava?

— Eu saí do interior para a cidade grande atrás dos meus sonhos, você sabe.

Ele sabia que ela era uma atriz, desde o início. E que tinha muitos anseios quanto à profissão, como todas as atrizes. Não podia bancar o idiota machista, ou mesmo o desentendido,

quanto a isso.

— É, eu sei. — Marcelo esforçava-se para a voz não soar infeliz.

— Eu começo semana que vem!

Marcelo pôs-se de pé, com um pulo.

— Mas já? Por que tão rápido?

Marina pareceu um pouco desconcertada com a reação dele.

— Como assim? É um emprego, tenho que começar logo.

— Eu sei, desculpe. Mas é que você me pegou de surpresa com isso.

Ela estava bem séria agora, as sobrancelhas franzidas:

— E daí? Por que você está com essa cara?

— Que cara?

— De enterro, de quem vai para a forca, de

quem comeu e não gostou!

O território está ficando perigoso —
pensou ele, vendo o aborrecimento de Marina.

— É impressão sua, Marina.

— Não é impressão, e a atriz aqui sou eu.
Você não finge muito bem. O que está
acontecendo?

— Eu vou morrer de saudades de você, é só
isso.

— E por que você morreria de saudades? —
A expressão dela estava mudando para espanto.

Os olhos azuis refletiram tristeza. Marcelo
rendeu-se, e respondeu:

— Você vai ficar meses fora, a gente vai se
encontrar só nos fins de semana...

Agora a cara dela já era de riso:

— Você andou bebendo com o André e o
Alan? Mas, afinal de contas, do que você está
PERIGOSAS ACHERON

falando?

Marcelo teve o pressentimento de que não falavam da mesma coisa. Resolveu não piorar tudo, e devolveu a pergunta:

— Do que *você* está falando?

Marina estava com as sobrancelhas unidas, parecendo esforçar-se para entender o comportamento do namorado.

— Como você está esquisito hoje... Estou falando sobre a vaga como professora na Escola de Teatro dos Jovens Atores.

Ele quase gaguejou:

— Você está falando da Escola de Teatro? A que fica no Centro da Cidade, aqui perto?

Ela coçou a bochecha, pensativa:

— É, não tão perto assim, acho que leva uns quarenta minutos para chegar lá, de ônibus...

Marina viu a expressão de Marcelo mudar

PERIGOSAS ACHERON

completamente, e um sorriso radiante surgiu no rosto anteriormente pálido.

— Quarenta minutos de ônibus! É fantástico!

— Fantástico? Quarenta minutos? — *Marcelo estava doido?*

— É, não é? É aqui, na cidade!

— Sim, isso que falei inicialmente. — *Doido, definitivamente. Devia ser o calor, o Sol forte na rua.*

Marina pôs a mão na testa de Marcelo. *Sem febre. Talvez só estivesse desidratado...* Ele aproveitou e abraçou-a, segurando-a firme junto dele.

— Eu estou muito feliz!

E para provar isso, rodopiou com ela pela sala.

— Parece mais feliz do que eu, agora. Você

está bem?

— Sim! — Marcelo parou de rodopiar, e segurou o rosto de Marina em suas mãos, encarando-a com intensidade — Era isso mesmo que você queria? Dar aulas? E as novelas?

— Eu nunca pensei muito nisso, fazer novela é o sonho da Lorena. Eu gosto mais do teatro, do espetáculo mambembe... E o melhor é que posso trabalhar dando aula de teatro e continuar atuando aqui fora.

— Que alívio... — Marcelo murmurou.

— O que disse?

— Eu? Não disse nada — respondeu, com ar inocente.

— Marcelo! Trate de contar o que está acontecendo de verdade aqui. Fale logo!

O rosto de Marina transmitia todo seu aborrecimento.

Marcelo perguntando-se como uma coisinha tão bonitinha, tão delicadinha, podia fazer uma cara de malvada daquele jeito. *Ela não o deixaria passar incólume àquela conversa.* Ele suspirou alto. *Um homem tinha que aceitar quando estava cercado.*

Finalmente respondeu:

— Eu achei que você ia dizer que ganhou um papel na mesma novela que a Lorena, e que iria embora.

— De onde você tirou essa ideia? Eu não fiz teste nenhum para isso — respondeu ela, perplexa.

— Ela queria fazer uma surpresa, e andou falando com um dos protagonistas da trama. Parece que o ator principal ficou muito empolgado quando viu uma foto sua, e estava tentando arrumar uma vaga para você.

— Por que você não me contou isso antes??

Ah, não, de novo a expressão de raiva,
pensou Marcelo, desanimado. *Isso não acaba nunca?*

— Porque eu só soube hoje, o André me contou na delegacia. Era um segredo da Lorena...

— A Lorena contou um segredo pro André, que contou para você, e que está contando para mim agora!

— Eu devo pedir desculpas? — Marcelo pensou que o trabalho na delegacia era mais simples e fácil do que manter o tipo de conversa que estava tendo agora com Marina.

— O que você acha???

Marcelo abriu os braços, angustiado:

— Eu juro que não sei!!!!

Ela então estourou na gargalhada.

— Estou brincando com você. Claro que não precisa pedir desculpas, nem vou contar para a

Lorena que o André te contou um segredo dela. Está tudo bem! A sua cara estava hilária!

— Você é uma sádica! Mas eu te amo mesmo assim! — Ele riu também, e seu rosto era de alegria total e pura, enquanto a abraçava, trazendo-a para perto.

Depois os olhos azuis ficaram tão sérios.

— Isto me serviu para entender o quanto temo perder você, Marina.

— Você não vai me perder, amor. Estou com você. E só quero você.

— É pouco, sabe?

Marina sacudiu a cabeça, um pouco confusa.

— É pouco? O quê?

— Somente namorar você. Somente estar com você de vez em quando. Estarmos vivendo juntos somente provisoriamente. Este “somente”. É

pouco. — A voz de Marcelo soava mais séria do que nunca. O aperto dos braços dele à volta de Marina nunca foi tão firme ou tão quente.

— E o que seria o “bastante”? — Marina perguntou, suavemente.

— Acho que nunca haverá o suficiente, e nunca haverá o bastante. Preciso de você sempre, e para sempre. Preciso que você me queira assim também, e que case comigo, e me aceite para todo o resto de nossas vidas. Ou para sempre, o *nosso* para sempre, se preferir. Você quer, você aceita?

Os olhos dela brilharam, e as lágrimas umedeceram seus cílios.

— Sim, eu quero, e eu aceito. Para sempre.

FINAL

O casamento de Marina e Marcelo aconteceu em uma agradável manhã de primavera, e a igreja escolhida pelos noivos ficou bem cheia.

A noiva usou um vestido branco, bem simples. Era comprido, mas leve. Dispensou o véu, e colocou pequenas margaridas nos cabelos, iguais ao do buquê delicado que levava nas mãos. O noivo usou camisa branca, gravata, e colete cinza, dispensando o terno. Ambos reluziam.

A família do noivo era pequena, em compensação a quantidade de policiais, bombeiros, socorristas e também o número de médicos que atendia na emergência de um hospital situado próximo à Delegacia onde Marcelo trabalhava, e

que compareceram em massa à cerimônia, era de impressionar.

Do lado da noiva veio a família do interior, junto com um punhado de velhas amigas. Terminavam de lotar os bancos algumas trupes de Teatro, que já haviam atuado com Marina.

Depois da cerimônia o grupo de convidados, eclético, barulhento, e grande, seguiu para uma recepção ao ar livre, onde as famílias do casal tiveram enfim a oportunidade de se conhecer melhor. Simone e Lorena, as madrinhas, disputaram avidamente o buquê da noiva. André e Alan, os padrinhos, fizeram um belo discurso de homenagem.

— E então, minha esposa? Está feliz? — Marcelo veio por trás de Marina, envolvendo-a num abraço.

— Acho que não poderia estar mais, meu

marido! E você?

— Sou o homem mais sortudo do mundo, como não poderia estar feliz?

— Prometa que seremos felizes para sempre. — Ela girou o corpo, ficando de frente para o marido, e o abraçando também.

— Prometo! Para todo o sempre!

E foram. Felizes para sempre. O *seu para sempre*, porque é assim que uma história de amor tem que acabar. Mesmo as modernas.

FIM

Conheça outras obras da autora:

Romances de época:

Série Libertinos (Concluída):

Por você

Somente em teus braços

Ao dispor do seu

amor

Arrebata-me!

Ouça meu coração

Um Natal com amor

Eu fico com ela

Série Cavaleiros das Terras Altas (Em
curso):

A dama do rio e o lorde das Terras

Altas

PERIGOSAS NACIONAIS

Olhos de mel, lábios de fogo

(Volume único)

Romance contemporâneo:

Uma noite não é o bastante

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

 **SilvanaBarbosaAutora**

 **silvana.barbosa.romancista**

 **Silvana Barbosa – Autora de Romances**

PERIGOSAS ACHERON